
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BEATRIZ MARIA CHINELATO

**COMO GRUPOS AUXILIAM NA
(TRANS)FORMAÇÃO DE FUTUROS
PROFESSORES**

BEATRIZ MARIA CHINELATO

COMO GRUPOS AUXILIAM NA (TRANS)FORMAÇÃO DE FUTUROS
PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Laura Noemi Chaluh

Rio Claro

2022

C539c Chinelato, Beatriz Maria

Como grupos auxiliam na (trans)formação de futuros professores / Beatriz Maria Chinelato. -- Rio Claro, 2022

60 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Laura Noemi Chaluh

1. grupos. 2. grupos de estudo/pesquisa. 3. formação de professores. 4. Universidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BEATRIZ MARIA CHINELATO

COMO GRUPOS AUXILIAM NA (TRANS)FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

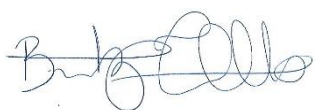
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Laura Noemi Chaluh (orientador)

Prof. Dra. Janaina de Sousa Aragão

Prof. Dra. Maria Antonia Ramos de Azevedo

Aprovado em: 10 de janeiro de 2022



Assinatura do discente



Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Confesso que para realizar esse trabalho, primeiro tive de fazer os agradecimentos. Dessa forma, me recordo de cada pessoa que me ajudou e esteve presente nesse processo. Neste trabalho que demonstro o quanto grupos, pessoas reunidas, são responsáveis por uma (trans)formação na vida de um futuro professor, tenho muito a agradecer as pessoas que estiveram comigo.

Quero agradecer, primeiramente, a professora Laura, que me mostrou o quanto é importante ter um professor que vai além da sala de aula, que me apoiou e foi minha amiga em todos os momentos deste percurso, sua sensibilidade me guiou e se realizei esse trabalho, é porque você realizou ao meu lado, de mãos dadas, mesmo à distância.

Quero agradecer aos meus pais, José e Fátima, por toda fé, confiança e amor que tiveram por mim. Vocês são meu ancoradouro, obrigada por acreditarem na minha formação. Pai sua força e o seu silêncio diante a muitos problemas me ensinaram a ser paciente. Mãe, seus olhos doces e sua honestidade me ensinaram que a verdade e o amor sempre serão a melhor opção para tudo, obrigada por estarem ao meu lado durante toda minha vida, obrigada por me mostrarem que a educação sempre será o caminho, amo vocês.

Quero agradecer à Renata, minha irmã, por toda postura profissional que me ensinou, por ser um exemplo desde sempre com relação à estudos e objetivos. Te amo muito, você foi/é muito importante nesse processo (e o João também).

Quero agradecer à toda minha família que me apoiou, que não julgou minha formação e esteve ao meu lado, meus avós (João e Tereza, Helena e Francisco), meus tios, primos, e à família que me adotou (Vovó Didi, Rosana e Sogra Sil).

Quero agradecer ao Alexandre, pessoa que esteve comigo, que leu cada frase deste trabalho, que me apoiou, ouviu minhas lamentações e esteve ao meu lado nos momentos de ansiedade. Eu amo você e tudo o que você faz por mim diariamente, obrigada por ser um amor calmo e paciente comigo, obrigada por ser meu amigo.

Quero agradecer às minhas amigas Nathália e Marina. Na, que esteve comigo desde o primeiro ano da faculdade, sempre me apoiando e sendo um exemplo de graduanda, obrigada amiga! Marina, minha amiga de festas, de estudos, de lamentações, como é bom ter você ao meu lado, seja para estarmos preocupadas com o TCC ou sendo jovens por aí, você me deu forças e me mostrou o significado da sororidade sem nunca nem ter dito essa palavra para mim, te amo demais!!

Quero agradecer à Lu, minha psicóloga, que está comigo desde 2015 e acompanhou desde o processo do pré-vestibular até o processo de entrega desse trabalho, obrigada por me ouvir.

Quero agradecer meus amigos da Pedagogia 2017, onde passamos muito nervoso, mas estamos formados (ou quase). Em especial, à Vitória, minha amiga que esteve comigo no GREEFA, nas aulas da graduação e até fora delas, obrigada amiga!

Quero agradecer também, especialmente, o GREEFA, grupo que faço parte desde 2018, que serviu de inspiração para este trabalho, que sempre acolheu minhas ideias e confiou em mim. Em especial, obrigada Jana, que sempre foi tão compreensiva e carinhosa comigo, uma amiga, uma pessoa de muita luz em minha vida.

A todos que passaram pela minha vida, muito obrigada.

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Ao fazer parte de um grupo de estudo/pesquisa desde 2018, percebi o quanto estar em um coletivo que fala sobre educação me proporcionou experiências e vivências únicas. Participar de eventos, de discussões e diálogos propositivos com colegas, professores e gestores trouxe uma pluralidade de conhecimentos/saberes para minha formação inicial. Dessa forma, tomando como foco a temática dos grupos de estudo/pesquisa a presente investigação objetivou analisar artigos científicos cuja temática aborda grupos de estudo/pesquisa universitários na área da Educação. Busquei atingir os seguintes objetivos específicos: sistematizar os grupos de estudo/pesquisa que problematizaram o grupo como espaço de formação e compreender as contribuições que os grupos de estudos/pesquisa no contexto universitário favorecem a constituição dos futuros professores que deles participam. Para atingir esse objetivo, desenvolvi uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) através de um levantamento bibliográfico que foi realizado na base de dados do Google Acadêmico, com o critério de escolha de artigos que contemplassem as palavras-chave “grupo de formação educação” no título, no resumo ou nas palavras-chaves. Foram selecionados treze artigos produzidos no período de 2015-2020, na língua portuguesa, para a análise dos mesmos. Após a análise e sistematização, foi possível considerar que os grupos ultrapassam os muros da academia, os grupos são espaços abertos para reflexões, locais que permitem diálogo com sujeitos da escola enquanto somos professores em formação, buscando uma educação mais reflexiva e emancipadora.

Palavras-chave: grupos; grupos de estudo/pesquisa; formação de professores, Universidade.

ABSTRACT

Being part of a study/research group since 2018, I realized how much being in a collective that talks about education gave me unique experiences and experiences. Participating in events, discussions and purposeful dialogues with colleagues, teachers and managers brought a plurality of knowledge/knowledge to my initial training. Thus, focusing on the theme of study/research groups, this investigation aimed to analyze scientific articles whose theme addresses university study/research groups in the field of Education. I sought to achieve the following specific objectives: systematize the study/research groups that problematized the group as a training space and understand the contributions that study/research groups in the university context favor the constitution of future teachers who participate in them. To achieve this goal, I developed bibliographic research (GIL, 2002) through a bibliographic survey that was carried out in the Google Scholar database, with the criterion for choosing articles that included the keywords "education training group" in the title, abstract or keywords. Thirteen articles produced in the period 2015-2020, in Portuguese, were selected for their analysis. After the analysis and systematization, it was possible to consider that the groups go beyond the walls of the academy, the groups are open spaces for reflection, places that allow dialogue with school subjects while we are teachers in training, seeking a more reflective and emancipatory education.

Keywords: groups; study/research groups; teacher training, University.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos para análise do Google Acadêmico.....	31
Quadro 2 – Linhas de Pesquisa dos Grupos.....	33
Quadro 3 – Nuvem de Palavras: Linhas de Pesquisa.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MEMORIAL – POR QUE PESQUISAR SOBRE GRUPOS?	17
Eu e o GREEFA	17
3. METODOLOGIA.....	29
4. OS GRUPOS	36
Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências e Matemática	36
Grupo de Trabalho sobre a Pedagogia para a Autonomia.....	37
Grupo de Pesquisa Formação Compartilhada de Professores – Escola e Universidade ..	37
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores	38
Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática	40
Grupo de Estudo-Reflexão com Gestores Públicos de Educação Especial	41
Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.....	42
Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as)	44
Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores	44
Grupo de Pesquisa Investigação	45
Grupo de Trabalho sobre Formação para Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais.....	47
Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente	48
Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos	49
5. LINHAS DE PESQUISA	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
7. REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

Os grupos fazem parte da realidade universitária. Dentro do ambiente acadêmico podemos encontrar sujeitos que compartilham nestes grupos suas vivências e experiências dentro de suas áreas de estudo. Estes grupos, na maioria das vezes, são formados por alunos de graduação (sendo bolsistas de algum Programa) e alunos da Pós-graduação. Alguns grupos também acolhem “colaboradores” que podem ser professores universitários participantes de outros grupos, professores e gestores, pertencentes à rede municipal, estadual e privada.

Segundo Chaluh (2014), a constituição de grupos na formação inicial de professores “promove instâncias nas quais os futuros docentes possam, no diálogo com o outro produzir e viver o exercício da construção coletiva de práticas que desencadeiem seus próprios processos formativos” (CHALUH, 2014, p. 4).

Essa relação do estudante de graduação com um coletivo de pessoas que já atuam na educação e levam para o grupo suas vivências gera um ambiente propício para o seu processo de formação. A importância dessa relação se dá pela abertura do diálogo que ocorre entre professores em exercício e futuros professores.

Após a minha participação por dois anos (2018 e 2019) no Grupo de Estudos Educação Formação e Alteridade (GREEFA, CNPq), no contexto da Universidade Estadual Paulista/UNESP (Rio Claro), a pesquisa sobre grupos no contexto universitário que potencializam o diálogo entre professores em exercício/pesquisadores de sua própria prática e futuros professores, se tornou fundamental. Ao fazer parte desse coletivo, percebi que minha formação se tornou plural pois, tive a oportunidade de estar com sujeitos que se expressam, que relatam suas experiências de forma realista e crítica, sem “romantizar” o fazer docente. Dessa forma, consegui analisar melhor minha formação, e percebi a importância de estabelecer relações com outros profissionais sendo eles professores pesquisadores, mas também professores e gestores das escolas públicas.

Para problematizar a temática de grupos de formação busquei em Freire (2005), Chaluh (2008), Oliveira *et al.* (2010), Passeggi (2011) e Freire (1997) apontamentos sobre os movimentos grupais e como são desenvolvidos.

Ao iniciar a discussão, neste primeiro momento se faz necessária a conceituação de grupo. Segundo Rivière (*apud* FREIRE, 2005), podemos falar em grupo quando várias pessoas se reúnem acerca de necessidades semelhantes, em torno de uma tarefa específica. Cumprindo suas tarefas, aquilo deixa de ser um “amontoado de indivíduos” e cada pessoa, assume-se como participante de um grupo com objetivo mútuo.

Chaluh (2008) aborda os trabalhos de Fernandez (2002) e Riolfi (2002), autoras que discorrem sobre a constituição e relações estabelecidas dentro do ambiente grupal. Ao dialogar com Fernandez (2002), Chaluh (2008) aponta que, para que a leitura de processos grupais aconteça, deve-se olhar para o todo, para o nó, e não apenas para cada parte do mesmo. Quando Fernandez (2002) indica esse movimento do observar para o grupo como um todo, voltamos nosso olhar para o sentido inicial da palavra

[...] aparentemente, uma das primeiras acepções do termo italiano *gruppo*, antes de ser considerado como reunião ou conjunto de pessoas, era **nó**. Assim deriva do antigo provençal *grop*=**nó**; o **nó**, por sua vez, derivaria do germano *Kruppa*=massa arredondada (massa redondeada), fazendo referência à sua forma circular. (FERNANDEZ, 2002 *apud* CHALUH, 2008, p.107)

O grupo como nó, mostra como os participantes estão entrelaçados e assim se constituem e ao mesmo tempo acabam por constituir o grupo, assim como a massa arredondada, que, segundo Chaluh (2008) nos remete à ideia de círculo, às formas de intercâmbio que se podem produzir entre os membros.

Chaluh (2008) demonstra com Riolfi (2002, p. 39) a ideia de laço social, onde a inclusão no grupo se dá através da inclusão com um olhar na singularidade do sujeito “O que é singular só é visível quando engastado num certo laço social através do qual possa haver reconhecimento de nossas diferenças”.

O grupo, observado como um laço social, mostra uma potencialidade formativa para os indivíduos, dessa forma, o laço cria uma possibilidade de entrar em um movimento de me formar enquanto o outro se forma (RIOLFI, 2002, p. 41).

Tanto Rivière (*apud* FREIRE, 2005) como Fernandez (2002) e Riolfi (2002) apresentadas por Chaluh (2008), destacam que o grupo se estabelece a partir das relações que são estabelecidas, respeitando o espaço de cada sujeito e, a partir disso, compartilhando saberes e experiências.

Para entender os movimentos e quem são os sujeitos que fazem parte de grupos de estudo/pesquisa na Educação, compreendemos com Oliveira *et al.* (2010) que

[...] grupos se constituem por pessoas que compartilham um objetivo comum e por isto estão ligadas entre si. Além deste objetivo coletivo, cada indivíduo possui suas significações particulares, fato que alimenta a dinâmica grupal. (OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 03)

Assim como Oliveira *et al.* (2010) expressam que a composição de um grupo se dá através da particularidade de seus indivíduos, Freire (2005) também demonstra isso quando conceitua o que é um grupo:

[...] grupo é um resultado da dialética entre a história do grupo (movimento horizontal) e a história dos indivíduos com seus mundos intentos, suas projeções e transferências (movimento vertical) no suceder da história em que estão inseridos. (FREIRE, 2005, p. 05)

Freire (2005) pontua que o grupo se constrói em um espaço heterogêneo, das diferenças entre os participantes. Se constrói enfrentando o medo que difere, o novo que provoca, educando o risco de ousar. Se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante e do educador. Em consonância com Oliveira *et al.* (2010), Freire (2005) reconhece que muitas vezes estes grupos estão inseridos em nosso inconsciente, dessa forma não notamos que muitas de nossas atitudes são reproduzidas através desse vínculo que estabelecemos com o coletivo.

Dentro desse coletivo, é possível notar como um grupo assume sua identidade e carrega através das subjetividades dos sujeitos sua formação, assim como Chaluh (2008) afirma em sua escrita:

[...] penso no grupo como um *espaçotempo* de encontro de subjetividades. Grupo, quando grupo, supõe a diferença individual, a singularidade. No grupo, quando grupo, as palavras ganham força, o sujeito assume a palavra, aparece o sujeito da enunciação. No grupo, quando grupo, as palavras entrelaçam-se e as palavras enunciadas pelos sujeitos geram acontecimentos. Acontecimentos: palavras tecidas, palavras que somam, palavras que formam, que produzem escrituras. Grupo, enlace de subjetividades que potencializa aos sujeitos da enunciação a promoção de sua produção, autoria e formação. Um grupo que dança... (CHALUH, 2008, p. 112).

Chaluh (2008) apresenta um grupo que reconhece a singularidade, que acolhe a subjetividade de seus sujeitos, assim como Passeggi (2011) que também

discorre sobre a importância da liberdade para as pessoas que compõem o coletivo, liberdade para falar (ou não) de si mesmo e liberdade para estar (ou não) no grupo.

Ainda, relacionando as duas autoras, Chalhah (2008) expressa que dentro de um grupo as palavras ganham força quando o sujeito as assume, afirmando-se assim como sujeito de enunciação. E Passeggi (2011) cita o compromisso de cada sujeito no grupo:

O compromisso de cada um no grupo e do grupo com todos é ajudar(se) a compreender a si mesmo em processo de (trans)formação, permanecendo atento ao modo como o ato de narrar ressignifica sua experiência e como, uma vez ressignificada, incide sobre a reinvenção de si. (PASSEGGI, 2011, p. 151)

Esse compromisso que ocorre através de grupos reflexivos, segundo Passeggi (2011) diz sobre a partilha de processos de compreensão de si, processos que vividos e narrados no grupo possibilitam a ressignificação dos mesmos, promovendo assim a reinvenção dos sujeitos que do grupo participam.

Freire (2005, p. 07) reconhece que “um grupo se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante”, de maneira a exercitar a fala, a escuta, o olhar. Dentro desse ambiente, pensar a prática é algo recorrente, o mesmo grupo que acolhe, escuta e olha, convida a reflexão docente. Para pensar sobre, Freire (2009, p. 105) corrobora que “os grupos de formação, em que essa prática de mergulhar na prática para, nela, iluminar o que nela se dá e o processo em que se dá o que se dá, são, se bem realizados, a melhor maneira de viver a formação permanente”.

Ao pensar nesse movimento de mergulho na prática, é possível encontrar o outro em nós, na medida em que compartilhamos o que vivemos e nos atentamos ao que o outro viveu, nossa constituição formativa se compõe.

Assim como Freire (2009), Pivetta e Isaia (2014) também acreditam que o grupo pode ser um dispositivo de aprendizagem e de reflexão para pensar a prática docente:

[...] o trabalho em grupo pode ser incorporado como dispositivo de aprendizagem docente, na medida em que se estabelece o encontro e se institui a reflexão dos professores sobre si e sobre sua prática socialmente construída e [re]significada, tendo como premissa a possibilidade de mudança, transformação e aprendizagem (PIVETTA; ISAIA, 2014, p. 114).

Com essa “possibilidade de mudança, transformação e aprendizagem” que Pivetta e Isaia (2014) exibem é possível compreender que dentro de um grupo, além da formação continuada dos professores, há também a possibilidade da formação inicial de graduandos. Esse contato com professores em exercício é extremamente propício, Chaluh (2014) demonstra isso quando discorre sobre como o diálogo com o outro auxilia na construção de suas práticas.

Dentro do grupo, compartilhando experiências e construindo diálogos, é possível perceber a importância da relação de seus membros, Freire (2009, p. 105) certifica isso quando cita a importância dessa relação “em tudo que fazemos na nossa experiência existencial enquanto experiência social e histórica”. Além da experiência, Freire (2009, p. 105) também cita como as pessoas se ligam e exprimem seus sentimentos dentro do coletivo “Da importância das relações entre as pessoas, da maneira como se ligam – a agressividade, a amorosidade, a indiferença, a recusa ou a discriminação sub-reptícia ou aberta”.

Dessa maneira, observando o que é um grupo, como ele se constitui, qual o compromisso de seus indivíduos com ele e como através das relações ele se torna um espaço de formação, podemos perceber que seus movimentos são coletivos, sua formação acontece quando estamos de encontro ao outro, descobrindo o desconhecido do próximo e o nosso desconhecido, assim como Freire (2005, p. 08) diz sobre a vida de grupo e como ela se constrói “Porque eu não construo nada sozinho; tropeço a cada instante com os limites do outro e os meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história”. Ao respeitar o limite do outro e o meu, aprendo, me formo, me (re)organizo e descubro, que é dentro desse grupo que minha formação se torna plural por descobrir que o outro habita em mim, que a formação do outro habita minha formação, assim como eu também o habito e lhe formo.

Em função de meu interesse pela temática em questão é que me propus desenvolver uma pesquisa que tem como objetivo geral: analisar artigos científicos cuja temática aborda grupos de estudo/pesquisa universitários na área de Educação. E, como objetivos específicos, sistematizar os que problematizaram o grupo como espaço de formação buscando compreender as contribuições que eles possam fornecer no contexto universitário de futuros professores. O problema da pesquisa é: De que forma os grupos de estudo/pesquisa constituídos no contexto

universitário promovem e acolhem a formação dos graduandos? Qual a relação dos graduandos com os grupos de estudo/pesquisa universitários?

O trabalho está organizado da seguinte maneira. No Capítulo 1 apresento meu memorial a respeito da minha relação com o Grupo de Estudos, Escola, Formação e Alteridade (GREEFA/CNPq). No capítulo 2, trato sobre a introdução do trabalho, onde apresento a conceituação de grupos, justificativa do tema e objetivos a serem alcançados. No capítulo 3, apresento a metodologia utilizada, o caminho percorrido da pesquisa e apresento alguns quadros e a Nuvem de Palavras que explicam sobre os dados encontrados. No capítulo 4, discuto sobre os grupos encontrados no levantamento bibliográfico, apresento suas características e principais objetivos dos trabalhos elaborados. No capítulo 5, discuto sobre as linhas de pesquisas abordadas pelos grupos, com foco na linha de formação de professores, que entrelaça a todos. Para guisa de finalização do trabalho, apresento as considerações finais seguidas de uma narrativa relacionando o que foi aprendido com o trabalho e com o que carrego dentro de mim.

2. MEMORIAL – POR QUE PESQUISAR SOBRE GRUPOS?

Segundo Gaspar, Araújo e Passeggi (2011, p. 03) “O memorial é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação”.

O memorial a seguir resgata os momentos que vivi dentro do Grupo de Estudos Educação, Formação e Alteridade. Contexto que me permitiu refletir sobre a minha formação. O GREEFA já tem um livro publicado e na Introdução os autores explicitam:

Somos profissionais da Educação. Somos professoras e professores. Somos pesquisadores. Fazemos parte do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA, CNPq). O nosso grupo está constituído por graduandos e pós-graduandos vinculados ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP (Rio Claro), e também por participantes que não têm vínculo com a universidade. O que nos congrega é o nosso interesse por ampliar a compreensão dos processos de formação na Educação Básica e na formação inicial e continuada de professores. Assim, tomando como eixo de nossos estudos os processos de formação, as diferentes temáticas que derivam do mesmo estão articuladas à dimensão da linguagem, da alteridade, da coletividade e da autoria. (CHALUH *et al.*, 2020, p. 13)

Ainda gostaria de destacar a relação que é estabelecida entre as pesquisas e a própria formação de quem pesquisa:

As nossas pesquisas estão sustentadas em acontecimentos vividos no contexto escolar. Trazem contribuições para ampliar o conhecimento da Educação tanto quanto para nossa própria formação. Isto porque são pesquisas nas quais estamos envolvidos, implicados. (CHALUH *et al.*, 2020, p. 13)

Assim, aprendi no grupo a importância da construção do conhecimento atrelada à nossa própria vida. Por esse motivo, a composição da escrita deste memorial traz minhas memórias e alguns trechos do meu caderno de registros. Nesses registros ficaram gravados acontecimentos, pensamentos e sentimentos vividos ao estar naquele grupo e que aqui compartilho.

A intenção de apresentar um memorial é narrar o quanto o grupo contribuiu para a minha formação inicial docente.

Eu e o GREEFA

Tudo se inicia em 2017, meu primeiro ano do curso de Pedagogia. Meus olhos ainda não haviam brilhado pela Pedagogia, as disciplinas do primeiro semestre não eram focadas na parte “prática”, então não tinha a dimensão (e talvez ainda não tenha) do poder da Pedagogia.

Durante o segundo semestre da graduação há a disciplina de Didática: Os Saberes Pedagógicos e o Fazer Docente, neste período em questão quem ministrava a disciplina era a professora Laura Noemi Chaluh e ao seu lado a professora Patrícia Rosalen, que realizava seu mestrado e participava da aula fazendo estágio docência.

As aulas começam, Freinet, Comenius e Freire, ah, como era bom ouvir sobre um de meus autores favoritos, como era bom ouvir as histórias contadas por Patrícia ao final das aulas. Durante o semestre ouvi muito que esta disciplina não era uma espécie de receita de “como ser professor”, levei isto comigo. Como ser professor?

Se não existe receita para se tornar professor, como é que faz então? Preciso ler todos os textos possíveis? Qual seria o segredo para que ao final de quatro anos eu possa entrar em uma sala de aula com confiança e convicta de que eu consigo ensinar algo aos meus alunos?

A disciplina levantava muitas reflexões sobre o “ser docente”, e eu, no auge dos meus 18 anos - em outra cidade, longe da família, morando em república com as amigas e tentando acompanhar todos os textos das disciplinas - imaginava que quando “crescesse” e me formasse, a minha sala de aula seria um caos, igual minha cabeça naquele momento. Pelo amor de Deus, estávamos no segundo semestre e ninguém (eu juro, ninguém) me contou como é que faz para virar professor.

O semestre estava finalizando e em algumas aulas as professoras citavam um grupo de estudos, GREEFA (Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade), onde ocorria, uma vez ao mês (naquela época) encontros para discussões sobre a formação docente. Convidaram a quem quisesse participar e foi nesse momento que busquei informações...

Ta aí, é isso, um grupo que discute sobre a FORMAÇÃO de PROFESSORES, tudo que eu precisava, resolvi que gostaria de participar. Como estávamos finalizando o ano, a professora Laura me aconselhou a iniciar a participação no primeiro encontro de 2018.

Meu encontro com o GREEFA...

Era o dia 27 de fevereiro de 2018. O dia que iniciaria minha participação no grupo. Me recordo da ansiedade.

Na minha cabeça passavam inúmeras dúvidas: como deve ser este grupo? São pessoas já formadas? Será que conseguirei participar das discussões? O que me espera?

Chegando na sala me deparo com pessoas totalmente diferentes daquilo que eu imaginava, neste dia apenas mulheres compunham a mesa, todas profissionais da área da educação. Se apresentam: professoras, coordenadoras, orientandas, sou apresentada também, um novo membro para o grupo, uma garota em fase inicial da graduação. Mais uma garota, sempre participavam do grupo as bolsistas vinculadas aos projetos desenvolvidos pela coordenadora.

A pauta do dia era um cineminha com o filme “A corrente do bem”, essa obra relata a história de um professor que propõe para sua turma métodos para melhorar o mundo. Um de seus alunos, ao ajudar sua mãe provoca uma reação em cadeia onde todos começam a praticar um ato bondoso para o próximo.

Nessa discussão foram levantadas inúmeras questões, algo que ainda está em mim é qual o nosso papel no mundo, e mais especificamente o quanto o professor foi importante para que seu aluno pudesse realizar algo. Após este filme uma nova proposta foi colocada: vamos fazer algumas leituras, lembro-me da primeira leitura e o quanto ela me tocou, li pela primeira vez a palavra “alteridade”.

Demorou alguns encontros, mas com o tempo pude aprender um pouco mais sobre este conceito, aprendi também a ver o outro, percebo que a percepção que tinha da educação começou a mudar.

Ao observar as experiências que colocavam dentro do grupo, me recolho, com medo de não saber o que dizer (ou por não ter experiências para relatar), me calo. Porém, com o passar dos encontros percebo que não era necessário esse meu silêncio por medo de errar.

Mas errar em quê? Não há erros quando se trata da nossa formação, estamos ali para aprender. É nesta parte do aprender que me recordo dos momentos em que nossos pesquisadores apresentavam seus projetos, Iniciação

Científica, Núcleo de Ensino, mestrado, doutorado. Este espaço para expor nossas ideias e contribuir para as ideias dos outros é o que nos forma. Encontro neste momento meus sonhos, quando eu estarei nesta posição? Quando poderei expor minhas ideias e trocar contribuições com meus colegas?

Ao longo de minhas idas ao grupo, das leituras realizadas e muitas vezes do silêncio para ouvir o outro, sinto as marcas que aos poucos esse grupo vai deixando em mim.

A primeira é a questão do outro, da alteridade, guardo comigo o entendimento de que a gente se compõe e se decompõe no outro, que eu me faço no dia a dia e que para aprender preciso me abrir, preciso estar disposta.

E mais uma vez o GREEFA me convida a pensar: eu estou disposta? Quando me comprometo a leituras, quando conheço novos autores ou termos, me comprometo a pesquisá-los? Se de imediato aceito o desafio e após isso acabo desistindo, é medo? Preguiça?

Em 2018, meu primeiro ano de grupo, me lembro bem dessa postura passiva, sem entender ao certo o que de fato um Grupo de Estudos faz. Devido a estar acostumada com um sistema de educação, onde, se você é aluno, você deve fazer silêncio e ouvir, e esperar, quando solicitado pode falar. E ali, não era nada assim, você pode falar, olhar, ouvir, se expressar de inúmeras formas. Colocar seu ponto de vista, mudar seu ponto de vista, olhar através do outro, olhar novamente para si. No GREEFA, mais que alteridade, eu tive liberdade.

Essa liberdade, era algo que ainda não havia experimentado em todos os anos de estudos, entre educação básica e superior, era a chance de ser ouvida através daquilo que EU SOU, e não através daquilo que eu tenho que ser.

Quando retomo as poucas anotações que tenho de 2018, me lembro apenas de ter feito escritas acerca dos textos que li, não existe a Bia ali, existe uma frase de um determinado texto que me marcou (se pensarmos bem, talvez exista a Bia, pois se a frase teve significado naquele momento, é porque teve significado para mim). Anotações de palavras que eu nunca havia ouvido falar, por exemplo “equipolentes”, segundo a Bia de 2018, significa “mesmo valor”.

Foi nessa época que ouvi falar de “*Cronotopos*”, palavra usada (segundo a Bia de 2018) para tratar da relação espaço/tempo. Ouvi também sobre polifonia,

sobre a *pravda* e a *istina*. Se hoje, em 2021, é difícil, imagina pra Bia de 2018, que pensava que iria entrar no grupo para descobrir como ser professora e se deparou com todos esses termos, palavras diferenciadas, e os autores? Socorro, quem é o Bakhtin? Tive medo, pois era tudo muito novo, tudo muito diferente, quase não falava, só ouvia.

Em 2018, a professora Laura compartilhou com o grupo a ideia de pensarmos em organizar um evento e produzir um livro sistematizando os modos de fazer pesquisa que o grupo tinha assumido. Isto para que pudéssemos compartilhar aquilo que vivenciávamos dentro do grupo. Ela explicou também para termos calma, e pensarmos em tudo com carinho e conforme nossos encontros, iríamos pensando o que seria melhor.

No último encontro, em 04 de dezembro de 2018, o grupo entrou em acordo sobre o evento, para ser realizado em 2019 “I Seminário Nas Tramas da Escola” e, sobre o livro, que também seria formulado ano seguinte.

Meu segundo ano no GREEFA...

12 de fevereiro de 2019, estávamos todos reunidos para dar início a mais um ano, dessa vez com novos sujeitos chegando para compor o grupo. Como de costume, professora Laura já começa organizando os lanches do primeiro semestre, quem levará o que nas datas. Datas que mudaram também, esse ano, nossos encontros seriam duas vezes ao mês, encontros quinzenais.

Com o evento já nos planos, no primeiro dia, pensamos sobre as temáticas, sobre o que traríamos no evento, formação, escritas, os professores iniciantes...

Neste encontro também, falamos sobre a lição de casa deixada para as férias: a leitura do livro “Os queijos e os vermes”. Novamente, a Bia de 18 anos se depara com uma leitura totalmente inimaginável até então, a única coisa que consegui compreender (um pouco) foi sobre as experiências subjetivas, que acabam não consideradas devido a massificação das ideias. Isso me pegou, porque foi no GREEFA que consegui entender o que acontecia quando eu levava minhas vivências para dentro da universidade e não era “ouvida”, como por exemplo, quando, numa disciplina falávamos sobre Organização Escolar e numa apresentação de determinado grupo, onde falavam sobre Escolas Rurais (e citaram uma escola rural, onde eu tinha estudado, na época já não era mais rural), quis

compartilhar como era estudar na escola que foi construída para estes fins e não fui ouvida, recebi um “ta bom, mas não importa agora”. Fiquei triste, eu não entendia qual era esse sentimento, de ser calada quando eu poderia contribuir com experiências.

Foi no início de 2019, dentro do GREEFA, que comecei a pensar muito mais sobre “de onde eu vim”, “o que eu carrego comigo”, “o que eu tenho de bagagem para contribuir com o grupo de acordo com aquilo que vivi”. A passividade e o medo de 2018, se afastavam, na medida que eu me percebia no grupo.

Mas o medo volta e me vem outra lembrança, quando me calei no momento de realizar a leitura de escritas que construímos individualmente. Em determinado encontro anterior, surge a ideia de fazermos escritas, para observarmos o que “já estava em nós”, me animo, penso “esse é o meu momento”, “vou escrever muito”, “tenho um milhão de ideias”. Sento-me na frente do computador. Abro o *Word*. Penso... Penso..., pego meu caderninho, folheio... Penso... Penso um pouco mais, desisto. Mas espera aí, desisto? Não! Não vou falhar, vamos escrever, sigo as palavras sugeridas como instrução, parece que não tenho criatividade, meu texto se torna um apanhador de palavras e formação de frases com elas, eu não estou naquele texto (penso agora se estou neste) minha expressão não está lá. Percebo que sempre escrevi de maneira tradicional, impessoal, onde nunca pude aparecer, e mais uma vez isso acontece: eu não estou ali.

Socializo o texto elaborado a partir de proposta do grupo:

A constante busca por produção e resultados tende a nos deixar presos em algo dentro de nossa própria subjetividade. A pesquisa em vários campos científicos muitas vezes é solitária, mas quando se trata de educação é necessário o coletivo, é necessário pensar no outro.

Nossas experiências subjetivas muitas vezes são caladas, o “eu” é anulado, assim como em determinados momentos o “outro” também se anula. Como obter uma relação sem anular o outro com quem você dialoga?

A relação com o outro é dada quando mesmo de forma coletiva as diferenças e singularidades não são anuladas. Nesse momento, quando levo em consideração o que o outro me trouxe é que se dá a alteridade. Permitir que o outro tenha a sua verdade singular e possa expressá-la é uma forma de compreender a verdade construída.

O que esse “outro” pode proporcionar ao “eu”? O quanto se faz necessário um diálogo entre ímpares para que ambos obtenham não mais resultados, mas sim estabeleçam relação? O quanto eu posso me conhecer ao conhecer o outro? (Caderno de registros, abril de 2019).

Pegando o texto para ler novamente, percebo que entendi o assunto, mas me coloquei nesse assunto? Ou apenas escrevi de modo sistematizado, sem pensar no “eu”.

Chega então o (inicialmente) tão sonhado dia. Tive medo de ser totalmente desaprovada e ... Não leio, escuto a todos, mas me calo. Os dias passam, no grupo e eu havia dito que iria “melhorar” algumas partes do texto e levaria o mesmo no próximo encontro. Nunca mais reli o mesmo. Como pode algo ser tão sonhado e quando vira realidade acabo encarando aquela escrita como uma derrota?

Por que me sinto derrotada?

Começo a pensar que minha graduação está se tornando um eterno momento de euforia e agonia, de realização dos sonhos de uma Bia que sempre quis mostrar ideias e no final tem medo de ser ouvida.

Por sorte (como eu pensava na época), estávamos a todo vapor no evento, e talvez tenha sido isso que me “salvou” de um medo ainda maior das escritas.

Como o evento seria destinado (mas não apenas) aos professores da Rede Municipal, dividimos o “Tramas” (forma como nos referíamos ao evento) em 3 dias ao longo do ano. Ao nos organizar, a professora Laura sugeriu que eu poderia auxiliar um pouquinho em cada coisa, ajudaria no coffee break, na abertura, auxiliaria no que fosse preciso. Nesse momento começo a pensar que ela confiava em mim.

Um pouco antes do primeiro dia do seminário, em um encontro no mês de maio, eu estava preocupada com o projeto do TCC, neste dia, a Jana, com toda sua paciência, sentou comigo e me ajudou a levantar questões sobre o que me cercava, para realizar o Trabalho, pela primeira vez, percebi que o GREEFA estava me formando quando ela escreveu num papel “Como o GREEFA me formou?”.

Todas as partes estão confusas, pois, 2019 foi bem assim para mim, um pouco de evento, um pouco de medo, um pouco de ideias para o futuro. Até aqui eu não havia refletido muito sobre o TCC, apenas na euforia com o evento.

Bom, como estava falando, os eventos foram rolando ao longo do ano, e como disse, o Tramas me proporcionou confiança. Lembro-me da Laura, durante as

organizações, falando para eu não ficar fixa em nada, pois iria precisar de mim em diversos lugares. Aprendi no grupo que deveria confiar em mim mesma.

Tanta confiança, que a professora Laura comentou que pensava fechar o evento junto com algumas pessoas do grupo. Assim, eu me dispus a fazer parte desse momento junto com Sandra (mestranda). Eu iria falar na mesa de encerramento do Tramas. Abaixo coloco a minha fala (confesso que não lembrava o que havia falado, até pegar o arquivo novamente para trazer no memorial):

Terça-feira, 05 de novembro de 2019.

Boa tarde, meu nome é Beatriz e vou falar um pouco sobre a importância do Tramas para uma professora em formação.

Primeiramente, gostaria de agradecer a oportunidade de compor esta mesa, pois tanto o GREEFA, quanto este evento são muito importantes para mim.

Estou no 3º ano da Graduação em Pedagogia aqui na UNESP e desde fevereiro de 2018 participo do GREEFA, que é um grupo de estudos sobre educação, formação e alteridade, nosso grupo é composto por graduandas, professores em exercício e pós-graduandos, se constituindo através da área educacional.

Através do grupo, eu como professora em formação inicial posso estar sempre em contato com o dia a dia escolar através desses professores, ao compartilharem suas histórias e principalmente suas ideias o ânimo para me tornar uma professora toma conta de mim. Foi quando me aproximei desses professores que pude com o tempo mudar o meu olhar para a sala de aula, foi observando o afeto e dedicação que esses professores carregam para com seus alunos e escolas que me fez olhar com afeto também para o meu futuro. Foram também as experiências compartilhadas que me ajudaram a pensar em vivências que já tive, me fazendo perceber que não é apenas o que vou ser, mas também o que já sou.

E graças a esse coletivo e agora a esse evento também que pude conhecer ainda mais professores, conhecer a rede, as boas novas que o trabalho de vocês traz para a educação pública. Ao longo dos nossos dias juntos consegui notar as escolas como organismos vivos, onde há professores que tem prazer por aquilo que fazem e principalmente que acreditam que SIM, é possível uma educação pública de qualidade, que acreditam em seus alunos e lutam. Ver professores participando dos debates, expondo seus trabalhos que foram realizados nas escolas, compartilhando suas experiências, trocando ideias é o que me faz cada vez mais querer ser professora.

E ainda bem que o Tramas existe, foi aqui que pude presenciar isso. O Tramas não é apenas um evento para aprendermos algo, O Tramas é impacto, é algo que está em nós, é algo que de uma forma ou de outra ficará em nós e a quem nos relacionarmos. E eu tenho certeza de que o que aconteceu aqui não tocou apenas a nós, que participamos deste evento, com certeza o Tramas foi além, chegou nas escolas através de conversas entre professores, entrou nas salas de aula junto com vocês, tocando dessa forma os alunos também. Muito obrigada (Caderno de Registro, novembro de 2019).

Muito emocionada com o que o Tramas gerou em mim, e continua a gerar.

Em 2019, também começamos a ler mais sobre pesquisa narrativa¹, e a partir disto começo a perceber que trazer minha vida de moradora da zona rural contribuiria para minha formação, e assim o que acontecia comigo na graduação passou a fazer um pouco mais de sentido, já que percebi que meu olhar para minha formação tinha um “lugar”.

Como sempre, escritas tradicionais e textos acadêmicos nos acompanhavam, ver as ideias da pesquisa narrativa me possibilitaram observar como o lugar de onde venho poderia estar agindo na minha formação, comecei a olhar por tudo que passei.

Neste segundo ano de GREEFA, além de confiança, eu consegui me encontrar, validar a minha trajetória e respeitar cada passo que dei até chegar naquele momento. Olhar o caminho que percorri até chegar neste momento, até olhar para mim e perceber que a minha formação não é composta apenas por textos que devo ler, aulas que devo frequentar na universidade. A minha formação é bem maior, são as minhas experiências, são os momentos que vivi.

Foi observando as experiências que meus colegas colocavam, não apenas como professores dentro das escolas, mas como pessoas com inúmeras bagagens. Percebi que minhas bagagens falam muito de mim, eu sou composta por elas, por isso devo dar voz aquilo que vivi.

A dor de se afastar do GREEFA...

Em 2020, logo em janeiro fui chamada para um estágio extracurricular, em um colégio particular de Rio Claro. O colégio era ótimo e a vaga também, iria trabalhar com a Educação Especial (novidade para mim) no Ensino Fundamental II (mais novidade ainda).

¹ O GREEFA tem assumido a pesquisa narrativa como perspectiva teórico-metodológica. Para ampliar a compreensão ler LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 17-44, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280> e CHALUH *et al.* **Modos de fazer pesquisa narrativa**: aproximando vida e cultura. Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2020.

Quando fiz a entrevista, não sabia ao certo o período de trabalho, mas assim que fui chamada me informaram que era à tarde. Aceitei, pois precisava do emprego. Assim que recebi a notícia, avisei a professora Laura sobre não poder fazer parte do GREEFA, já que os encontros eram realizados no período da tarde também.

Sofri.

Eu estava tão confiante para o 2020, mas tive que fazer uma escolha, e devia compreender isso.

Assim que consegui esse emprego, resolvi deixar duas matérias para cursar em 2021, algo me dizia (e isso contei neste ano para a professora Laura), que em 2021 eu iria voltar para o grupo.

E assim foi, mesmo longe, sem os encontros, ainda estava por perto no grupo do Whatsapp, assistindo a defesa do Mestrado da Rosy, aulas com a Laura na graduação, encontros com o pessoal do grupo das disciplinas ministradas por ela.

Eu não estava no GREEFA, mas o GREEFA estava comigo, sempre me fazendo refletir a cada atividade que propunha ao meu aluno, sempre a refletir sobre o que eu estava fazendo naquele estágio, como estava fazendo e porque estava fazendo.

Neste ano também, aconteceu a Pandemia, e mesmo em Home Office, não consegui voltar para o GREEFA. Mas prometi que em 2021, ressurgiria como a fênix e toda a saudade iria dar lugar a novas ideias e pensamentos com o grupo. Mesmo fora dos encontros do grupo, ajudava a prof Laura com a listinha de aniversariantes. E, não sei como, mas sempre estava por dentro dos acontecimentos.

A volta...

Meu 2021 começou com ótimas notícias, havia mudado de período, iria trabalhar de manhã, finalmente retornaria ao meu grupo.

Dia 2 de fevereiro, já estávamos lá. Novidades, Tensionamentos (eram proposta de discussão para além das específicas do grupo, surgiram a partir do cotidiano escolar, por exemplo, a questão do racismo ecoava) e... redes sociais.

Pois bem, eu havia acabado de retornar para o meu grupo, me sentindo muito feliz, como se nunca tivesse saído, mas eu havia saído. Agora, temos os

Tensionamentos, que como explicitiei, eram assuntos que emergiam das discussões acerca do cotidiano e precisamos olhar melhor para eles, tencioná-los, observar, investigar. Redes sociais, Laura nos apresenta a ideia de colocarmos o GREEFA nas redes, e, segundo ela, eu que entendo de internet, poderia ajudar nisso.

Bom, entre canal no Youtube e Instagram, o Insta foi a melhor opção. O que iríamos colocar, como iríamos colocar, quando, tudo isso começou a borbulhar.

Fiz o e-mail, fiz a conta no Instagram² e fiz cursos para aprender a fazer as imagens das postagens, sim, o GREEFA me mostrou o meu lado designer que eu nem sabia que existia, amei né?!

Aprendi o que eu podia (e ainda aprendo, pois o insta continua) para editar imagens, fizemos um drive para compartilhar imagens e salvá-las. Meu grupo confiava em mim, mesmo passando um ano longe, voltei como se tudo ainda estivesse no lugar, cada sentimento.

A Bia de 2019, que o GREEFA conhecia, tinha se perdido para mim. 2020, acabou um pouco com todos nós e comigo não foi diferente. Voltar para o lugar que com tantas conversas, reflexões, cafés e bolos, me formou, era uma das primeiras coisas que eu tinha que fazer para me reencontrar, reencontrar a Bia professora em formação.

Além da volta, além do Instagram, quis participar também do Núcleo de Ensino³ projeto que tem vínculo com a Prograd (UNESP), fui aprovada pela professora Laura, e só conseguia lembrar da Bia, com 18 anos, sonhando com pesquisas, podendo realizar agora, com 22 e muito mais ideias na cabeça.

Pegando a questão que a Jana escreveu no meu caderninho em 2019, “Como o GREEFA me formou?”, eu não sei.

² Para o Instagram foi constituído um grupo onde nos organizamos para realizar as postagens e o conteúdo a ser gerado. Na rede social, compartilhamos produções do grupo, eventos, livros e um de nossos Tensionamentos, o apagamento de vozes ao longo da história, se transformou em um projeto de escrita coletiva entre os membros do grupo e as produções foram postadas em nosso Instagram. Acesso para o Instagram do grupo: https://instagram.com/greefaunesprc?utm_medium=copy_link.

³ O Projeto do Núcleo de Ensino “A leitura compartilhada: comunidade de leitores”, foi um projeto de leitura desenvolvido em uma escola de Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Educação da cidade de Rio Claro, onde desenvolvemos propostas de leituras para alunos do 4º ano da escola. No contexto da Pandemia de COVID-19, nossas reuniões ocorreram pelo Google Meet (plataforma de videoconferência da Google) no horário de HTPI (Hora der Trabalho Pedagógico Individual) das professoras, organizando o que enviávamos através dos blocos de atividades e fazendo o uso dos grupos de WhatsApp das turmas para enviar conteúdos complementares (como áudios, vídeos e arquivos de livros).

Eu só sei que o GREEFA me forma, todos os dias, através das pessoas que compõe aquele lugar (ou o não lugar, pensando em nossos encontros a distância). O GREEFA me forma, todos os dias, pois aprendi a olhar para os alunos de uma maneira coletiva, observando a perspectiva deles. O GREEFA me forma, a ponto de me proporcionar a curiosidade sobre outros grupos, e como estes grupos formam seus futuros professores.

Hoje, para mim, o GREEFA vai além das reuniões, muito além. Vai além de professores, graduandos, pós-graduandos, professora que coordena. O meu olhar humano sobre a educação, meu olhar para quem a história não conta, vem do GREEFA. O meu processo de formação, vem das relações que tenho aqui. E se me formo agora, todos se formam um pouco comigo também.

3. METODOLOGIA

A pesquisa assume um caráter exploratório, que de acordo com Gil (2002) tem por objetivo buscar maior familiaridade com o problema, buscando o aprimoramento de ideias e maior explicitação sobre o estudo, no caso, grupos de estudo/pesquisa. Para a busca e sistematização da temática será realizado um levantamento bibliográfico. Segundo Gil (2002, p. 44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Gil (2002, p. 59) descreve também que a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir das seguintes etapas: “a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto”.

Esse levantamento foi realizado na base de dados do Google Acadêmico, como tinha interesse em aprofundar acerca da temática de grupos de estudo e de pesquisa, utilizamos como critério de escolha os artigos que contemplassem as palavras-chave “grupo de formação educação” no título, no resumo ou nas palavras-chaves. Foram selecionados 100 artigos produzidos no período de 2015-2020, na língua portuguesa, excluindo patentes, citações, livros, teses, dissertações e desconsiderando os trabalhos da área da saúde.

Após a coleta dos artigos, realizei a leitura dos resumos, onde foram desconsiderados trabalhos que apenas colocavam os grupos de formação e educação como locais onde determinada produção foi realizada, sem trabalhar propriamente suas contribuições enquanto grupo. Também foram desconsiderados artigos que tratassem de grupos que se organizavam dentro de disciplinas e grupos de formação constituídos dentro de escolas da educação básica, realizados por professores (sem intermédio das universidades) e/ou por alunos.

Com a leitura dos resumos, 13 artigos contemplavam os interesses de busca, ou seja, abordavam a trajetória do grupo, suas linhas de pesquisas e deixavam em evidência como o grupo auxiliava na formação dos professores e quais reflexões. A seguir o quadro com autores, nomes dos trabalhos, vínculo com a universidade, e,

ainda, explicito se os trabalhos foram publicados em revista ou fazem parte dos Anais de evento e o ano em que foram publicados. A seguir, o Quadro 1:

Quadro 1 – Artigos para análise do Google Acadêmico					
	Autores	Título	Universidade	Tipo	Ano
1	Lilian Aparecida Teixeira Marinez Meneghello Passos Sergio de Mello Arruda	A formação de pesquisadores em um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática	Universidade Estadual de Londrina – UEL	Artigo de revista	2015
2	Rita de Cássia M. T. Stano	O caminho de um grupo de formação continuada docente: do compartilhamento de práticas docentes para uma pedagogia da e para a autonomia	Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI	Artigo de revista	
3	Maria do Carmo de Sousa Wania Tedeschi	A constituição de um grupo de pesquisa no contexto do obeduc-ufscar: contribuições para a formação docente	Universidade Federal de São Carlos – Ufscar	Artigo de revista	
4	Silvia Christina Madrid Finck	Grupo de estudos e pesquisas em educação física escolar e formação de professores-gepefe: espaço de interlocuções com a educação básica e as contribuições no âmbito da pesquisa e da formação docente em educação física	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	Artigo de evento	2016
5	Marcio Antonio da Silva	Investigações envolvendo livros didáticos de matemática do Ensino Médio: a trajetória de um grupo de pesquisa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS	Artigo de revista	
6	Mariangela Lima De Almeida Rayner Raulino e Silva Janaina Borges Alves	O grupo de estudo-reflexão perspectiva teórico-metodológica para formação continuada: um estudo com gestores públicos de educação especial	Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes	Artigo de revista	2017

7	Amanda de Magalhães Alcântara Juliana Alves de Araújo Bottechia Andréa Kochhann Naiane da Silva Prazer	Grupo de estudos em formação de professores e interdisciplinaridade: uma análise de suas contribuições para a formação docente	Universidade Estadual de Goiás – UEG	Artigo de evento	
8	Emilia de Freitas Lima Luiz Sena Mariano	Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e formação de professores(as) – GEIFOP	Universidade Federal de São Carlos – Ufscar	Artigo de revista	2018
9	Gisele Barreto da Cruz Cecilia Silvana Batalha Fernanda Lahtermaher Oliveira Camila da Silva Campelo	Percurso de um grupo de pesquisa na área da formação docente: o GEPEP diante do desafio de formar professores e pesquisadores	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Artigo de revista	
10	Simone Albuquerque Rocha Rosana Maria Martins	O Grupo Investigação/PPGEdu/UFMT e sua trajetória de pesquisa em Mato Grosso	Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT	Artigo de revista	
11	Edivagner Souza dos Santos Roberta Marisa Abrili Marconi	Grupo de trabalho como possibilidade de formação inicial e continuada de professores	Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande	Artigo de evento	2019
12	José Rubens Lima Jardimino Andressa Maris Rezende Oliveri Ana Maria Mendes Sampaio	Formação de professores e profissão docente: o estado do conhecimento da pesquisa em formação na região dos inconfidentes – MG	Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP	Artigo de revista	2020
13	Daniela Cariolano da Silva Claudeth da Silva Lemos Alysson Saraiva de Oliveira	O gepedes na formação docente: tecendo perspectivas, saberes e reflexões	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE	Artigo de revista	

Fonte: Dados produzidos pela autora

Dessa forma, através dos artigos, busquei redigir um texto sobre a constituição de treze grupos do Brasil, quais seus caminhos, reflexões, como se relacionam e quais linhas de pesquisa os cercam.

Para encontrar as linhas de pesquisa dos grupos, fiz a leitura dos artigos e procurei por eles dentro do Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil CNPq/Lattes, analisando também se são (ou não) cadastrados no CNPq. Através da pesquisa, elaborei um quadro com os nomes dos grupos e suas respectivas linhas de pesquisa, quantidade de linhas e sobre o cadastro no CNPq, se são cadastrados ou não. Realizando assim, o Quadro 2:

Quadro 2 - Linhas de Pesquisa dos Grupos				
	Grupo	Número de Linhas de Pesquisa	Nome das Linhas de Pesquisa	Cadastro no CNPQ
1	Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências e Matemática	3	Formação de professores; Formação de pesquisadores; Ensino de Ciências e Educação Matemática.	Cadastrado
2	Grupo de Trabalho sobre a Pedagogia para a Autonomia	3	Formação continuada docente; Prática Docente; Saber Docente e experiências compartilhadas;	Não Cadastrado
3	Grupo de Pesquisa Formação Compartilhada de Professores – Escola e Universidade	3	Formação de professores; Processos educativos, Linguagens, Currículo e Tecnologias; Educação Matemática.	Cadastrado
4	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores	6	Formação de professores de educação física; Educação Física escolar: conhecimentos e metodologia; O fenômeno esporte e suas manifestações; Corpo, Corporeidade e Educação Física escolar; Educação Infantil, corpo e ludicidade; Transversalidade e Educação Física escolar.	Cadastrado
5	Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática	2	Formação de Professores; Currículo e Educação Matemática.	Cadastrado
6	Grupo de Estudo-Reflexão com Gestores Públicos de Educação Especial	3	Formação continuada; Educação Especial; Inclusão Escolar.	Não Cadastrado

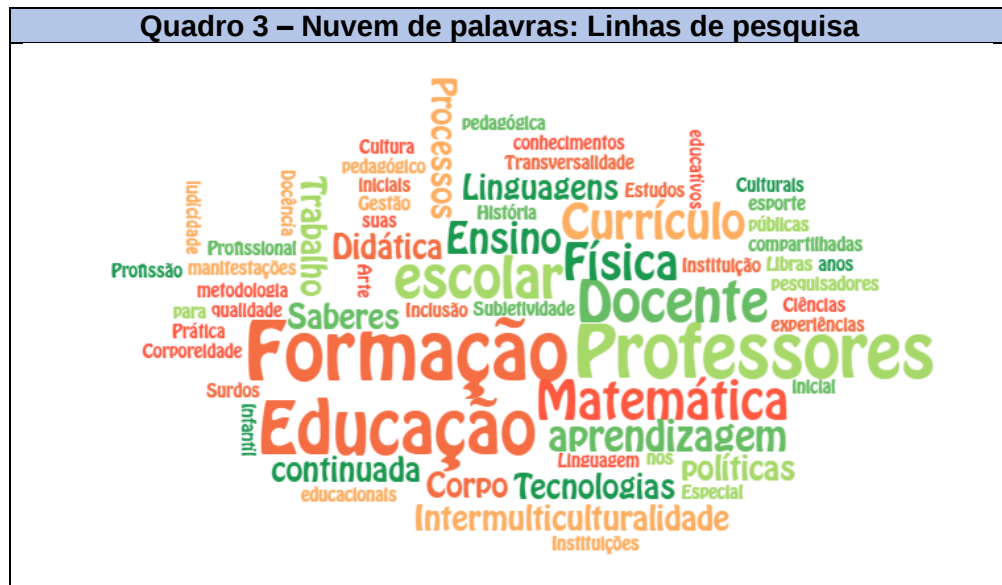
7	Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade	4	Formação docente e trabalho pedagógico; Didática e processos de ensino-aprendizagem; Educação, Linguagem e Tecnologias; Gestão pedagógica, currículo e políticas de qualidade.	Cadastrado
8	Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as)	3	Aprendizagem Profissional da Docência; Intermulticulturalidade e Formação de Professores; Intermulticulturalidade, Currículo e Estudos Culturais.	Excluído
9	Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores	4	Formação de Professores, Linguagens e Subjetividade; Didática e Formação de Professores; Saberes docentes e aprendizagem matemática; Formação e Trabalho de Professores em Educação, Cultura e Arte;	Cadastrado
10	Grupo de Pesquisa Investigação	1	Formação de Professores e políticas públicas educacionais.	Não Cadastrado
11	Grupo de Trabalho sobre Formação para Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais	2	Formação de Professores; Ensino da matemática nos anos iniciais;	Não Cadastrado
12	Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente	2	Formação de Professores, História e Instituições Escolares; Instituição Escolar, Formação e Profissão Docente.	Cadastrado
13	Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos	2	Formação inicial de professores; Educação para Surdos, Libras;	Não Cadastrado

Fonte: Dados produzidos pela autora

Posteriormente, utilizei a plataforma Wordle® para formular uma Nuvem de Palavras. O processo foi realizado com a escrita das linhas no local indicado na plataforma, onde a mesma realiza um cálculo com os termos mais utilizados e produz a nuvem, as palavras maiores indicam que aparecem com maior incidência no texto. A Nuvem de Palavras surgiu como uma estratégia para observarmos quais linhas de pesquisa são predominantes entre os grupos pesquisados. Segundo Vilela, Ribeiro e Batista (2020)

[...] as nuvens de palavras são, portanto, representações gráfico-visual que mostram o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto. (VILELA; RIBEIRO; BATISTA, 2020, p. 31)

A seguir, o Quadro 3 – Nuvem de Palavras:



4. OS GRUPOS

Como observado anteriormente, os grupos buscam respeitar a singularidade e subjetividade dos sujeitos que os compõe para que, dessa maneira, o grupal se forme e desenvolva novas proposições.

Dessa forma, busco apresentar a seguir os grupos encontrados através do levantamento, emergindo suas características, tarefas, reflexões e maneiras de se relacionar.

Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências e Matemática

Ao mergulhar nas buscas, encontro o primeiro trabalho. O artigo, escrito por Teixeira, Passos e Arruda (2015, p. 525), objetiva “investigar a formação de pesquisadores em um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática”.

Um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática, que através das “memórias”, escritas elaboradas por membros do grupo ao longo dos anos que participaram do mesmo, realizou sua coleta de dados. Teixeira, Passos e Arruda (2015, p. 526) definem que “nossa fonte de dados são as Memórias de um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática, que é vinculado a um programa de pós-graduação em uma universidade pública do estado do Paraná”.

O grupo atua na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, para os autores, é essencial a participação dos pós-graduandos, pois dessa forma acreditam que

[...] a participação nestes grupos é essencial para a formação de pesquisadores, ao proporcionarem consolidações de linhas de pesquisas, aprofundamento do aprendizado teórico e o aperfeiçoamento dos procedimentos metodológicos, o que contribuiu com a qualidade das dissertações produzidas pelos estudantes de pós-graduação que participam desses grupos [...] (TEIXEIRA; PASSOS; ARRUDA, 2015, p. 526).

Para os autores, a pesquisa tem um resultado diferente se há um grupo de pesquisa onde os pós-graduandos podem estar em contato com referenciais teóricos, compartilhando ideias e, com o apoio do grupo, desenvolvendo a problemática de seu trabalho, gerando trabalhos com uma qualidade superior em relação a pesquisas sem apoio de grupos.

Teixeira, Passos e Arruda (2015) não indicam quando o grupo teve seu início, porém, é possível determinar (através das “Memórias”) que o grupo antecede o ano de 2008, já que alguns registros dos sujeitos do grupo são datados desse ano.

Grupo de Trabalho sobre a Pedagogia para a Autonomia

Stano (2015) nos apresenta o GTPA (Grupo de Trabalho sobre a Pedagogia para a Autonomia). Coordenado pela autora, este grupo foi constituído por professores de escolas e professores de um Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Educação e Humanidades de uma universidade pública do estado de Minas gerais, a Universidade Federal de Itajubá.

O objetivo principal da escrita de Stano (2015) foi de explicitar como o GTPA é um espaço de articulação entre a teoria e a prática, onde os professores o encaram como ponto de partida para dar início às mudanças em seus fazeres docentes.

Para que fossem registrados os momentos, o grupo fez o uso da escuta hermenêutica. Essa escuta, permite que as vozes/fontes falem e, a partir daquilo que foi ouvido/falado, possam compreender as subjetividades.

Assim como o primeiro grupo, Stano (2015) não define quando o GTPA iniciou, apenas cita que o grupo surge semelhante à experiência já vivenciada pela professora e pesquisadora Flávia Vieira na Universidade do Minho.

Grupo de Pesquisa Formação Compartilhada de Professores – Escola e Universidade

O artigo, teve o objetivo de apresentar a trajetória do grupo e como foi seu caminho iniciado em 2009, dentro do Observatório da Educação (OBEDUC/Capes), o terceiro grupo a ser apresentado, coordenado pelas autoras Maria do Carmo de Sousa e Wania Tedeschi, teve início,

[...] quando docentes da UFSCar [*Universidade Federal de São Carlos*], dos Departamentos de Física, Matemática e Metodologia de Ensino, juntamente com professores da Educação Básica que ensinam Física e/ou Matemática, pós-graduandos dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Ensino de Ciências Exatas (PPGECE) e licenciandos dos cursos de Física e Matemática, começaram a realizar investigações sobre as problemáticas que envolvem o Ensino de Física e a Educação Matemática [...] (SOUSA; TEDESCHI, 2015, p. 137)

Entre 2009 e 2012, esse grupo de pesquisa se manteve dentro do programa Observatório da Educação (OBEDUC/Capes). No ano de 2013, segundo as autoras, com a aprovação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, o grupo deu início a sua reconfiguração

[...] o grupo está sendo ampliado e (re)configurado, uma vez que passou a acolher, além dos pós-graduandos do PPGECE e PPGE, professores da Educação Básica que ensinam matemática, matriculados no Mestrado Profissional em Educação. Ou seja, o grupo passou a ter nova configuração: professores da Educação Básica formados desenvolvem ou já concluíram pesquisas, em nível de mestrado. Muitos deles estão lecionando na Educação Básica e no Ensino superior. (SOUZA; TEDESCHI, 2015, p. 138)

Com a reconfiguração, o grupo se torna o Grupo de Pesquisa Formação Compartilhada de Professores – Escola e Universidade (GPEFCom). Segundo dados das autoras, até 2014, o grupo contava com 22 membros ativos entre professores da educação básica, pós-graduandos e licenciandos.

O grupo se estabelece através da rede formativa, onde licenciandos, professores e pesquisadores em educação podem compartilhar suas experiências e a partir disso constituir sua docência.

Souza e Tedeschi (2015), explicitam como é o trabalho dentro do grupo, como as temáticas surgem e as discussões acontecem “[...] o trabalho no grupo é realizado coletivamente por meio de composição da programação de estudos do semestre segundo temas de interesse, os quais são dinamizados por revezamento pelos próprios participantes” (p. 140).

Após a organização do semestre as descrições e narrações de atividades, apresentações de seminários e projetos demonstram a relação que estes estudos implicam na percepção e vivência das práticas docentes dos sujeitos que as socializam no grupo (SOUZA; TEDESCHI, 2015).

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores

Assim como Souza e Tedeschi (2015) percebem em seu grupo o compartilhar de experiências sendo difundido nos estudos e na formação dos membros, Finck (2016, p. 2) observa a necessidade de o grupo contribuir com ações voltadas para a formação do docente que atua em escolas, para que a formação inicial seja mais

contextualizada e compromissada, para que a educação se torne mais significativa tanto para alunos como para professores.

Silvia Christina Madrid Finck é coordenadora do “Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores – GEPEFE”. Em seu artigo, realizado para a Reunião Científica Regional da ANPED em 2016, Finck (2016) apresenta o objetivo principal do trabalho que foi demonstrar as atividades acadêmicas que seu grupo realizou desde 2006, ano em que foi certificado e cadastrado na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) junto ao CNPq.

O grupo segundo a observação da autora tem a intencionalidade de “buscar a interlocução e possíveis intervenções na área da Educação Física” (FINCK, 2016, p.2) especificamente no que tange a formação de professores inicial ou continuada. Finck, destaca a necessidade da criação de um grupo que pensa sobre a abordagem da educação física escolar na universidade em questão

[...] essas ações são necessárias e urgentes, pois por meio de alguns estudos constata-se que o conhecimento na área de Educação Física tem sido abordado, muitas vezes, de forma limitada e contextualizada, tanto na escola como no Curso de Licenciatura. (FINCK, 2016, p.2)

Observando o grupo como um espaço de possibilidades para compartilhar práticas entre professores e acadêmicos em Educação Física, foram estabelecidas algumas formas para que os sujeitos se motivassem em participar do GEPEFE

[...] inicialmente foi realizada a apresentação da proposta aos acadêmicos, principalmente do 3º e 4º ano, do Curso de Licenciatura em Educação Física da UEPG, a mesma foi efetivada pelos professores que atuam como docentes na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física (ECSEF) no referido Curso e Instituição e que fazem parte do GEPEFE desde o seu início, a proposta foi explicitada com a intenção de informá-los e motivá-los a participarem do Grupo. (FINCK, 2016, p.3)

Além de licenciandos, o GEPEFE conta com diferentes sujeitos dentro do grupo, possibilitando reflexões e discussões diversas dentro desse espaço

[...] fazem parte do GEPEFE os seguintes grupos: professores do Ensino Superior tanto da UEPG como de algumas Instituições particulares, que atuam como docentes no Curso de Licenciatura em Educação Física, principalmente, na disciplina de ECSEF; professores de Educação Física que atuam na Educação Básica; acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da UEPG e de outras instituições de Ensino Superior; alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG; profissionais da área da

Educação Física que pretendem dar continuidade nos estudos em nível de Pós-Graduação *strictu sensu*. (FINCK, 2016, p.3)

Finck (2016), explica que o GEPEFE é um espaço acadêmico, para que tanto graduandos, como profissionais possam usufruir de uma melhoria da Educação Física escolar e da formação de professores. Esse espaço se efetiva como uma contribuição para a formação dos sujeitos, pois desenvolve reflexões, estudos, análises e discussões sobre a Educação Física escolar.

O grupo se organizava através de encontros semanais, mas, segundo a autora, eles passaram a se realizar de maneira quinzenal e, posteriormente, a “opção dos integrantes do Grupo é pela periodicidade mensal”. (FINCK, 2016, p.4)

O GEPEFE, demonstra em sua trajetória, atitudes e estudos pautados sempre no que era relevante para o grupo de pessoas, procurando entrelaçar o que estudavam, com o cotidiano escolar.

Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática

Silva (2016) apresenta seu grupo de estudos, o Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática (GPCEM) que (ao contrário do GEPEFE – que esteve sempre pautado em reflexões e tomadas de decisão em conjunto –) passou por uma “virada” metodológica, ou seja, o grupo deixa de usar referenciais teóricos como apenas uma espécie de referência/teoria, e iniciam a problematizar aquilo que leem. O trabalho de Silva (2016) teve como objetivo, descrever a trajetória não linear do grupo, e como ocorreu essa “virada” metodológica. O autor acredita que essa “virada” é um dos principais objetivos do grupo, “desconstruir visões enraizadas de quem somos, desestruturando o que é tido como natural” (SILVA, 2016, p.48).

O Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática, é constituído dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com seu coordenador Marcio Antonio da Silva. Sua escrita descreve o caminho, segundo ele, “nada linear” do GPCEM. Um grupo formado por pós-graduandos (mestrado e doutorado) em Educação Matemática, que investiga e problematiza o modo de ensinar dos livros didáticos de matemática do Ensino Médio.

Silva (2016), relata que o pensamento do grupo, até 2015, era “excessivamente estruturante, estático e pragmático do grupo e das pesquisas realizadas por nós” (p. 46). Através do contato com pesquisas em perspectivas

contemporâneas, o grupo se volta para o estudo de referenciais pós-estruturalistas, para desestabilizar e problematizar “supostas verdades colocadas de maneira estável e inquestionável” (p. 47).

Dentro dessa nova perspectiva, Silva (2016), aponta que, através dos livros didáticos do Ensino Médio, o grupo analisa como ocorre a constituição do sujeito, não apenas do aluno, mas também do professor

[...] para nós do GPCEM, entre outras consequências, essa forma que atualmente enxergamos o mundo implica problematizar verdades constituídas, questionando os motivos pelos quais se exalta tanto a normatização de propostas. Por outro lado, preferimos valorizar a diversidade e criticar a obsessiva vontade de controlar tudo e todos. (SILVA, 2016, p.52)

Assim como Silva (2016) apresenta um grupo que, através da virada metodológica, valoriza a diversidade, encontro em Almeida, Silva e Alves (2017) um grupo que conta com a participação de gestores públicos da educação especial.

Grupo de Estudo-Reflexão com Gestores Públicos de Educação Especial

O texto apresentando por Almeida, Silva e Alves (2017) busca focar o debate na formação continuada e analisar elementos que constituem um grupo de estudo-reflexão de gestores-pesquisadores e professores-pesquisadores.

O grupo de estudo-reflexão, tem sua constituição no ano de 2013, segundo os autores Mariangela Lima de Almeida (coordenadora do grupo), Rayner Raulino e Silva (discente da Pós-Graduação em Educação e integrante do grupo) e Janaina Borges Alves (discente da Graduação em Pedagogia e integrante do grupo), os primeiros encontros se iniciam em dezembro desse ano.

Além de professores, graduandos e pós-graduandos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), os sujeitos que constituíam o grupo eram gestores e técnicos de Educação Especial

Tiveram envolvidos profissionais de três Superintendências Regionais de Educação do Sul do Estado do Espírito Santo (SER), vinte e sete Secretarias Municipais de Educação da Região Sul, além de professores, alunos da graduação e pós-graduação da universidade (ALLMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1106).

Segundo os autores, a organização para os encontros foi muito desafiadora, pois essa dinâmica estava além do que eles estavam acostumados, com o rigor

técnico e metodológico do âmbito acadêmico, com poucos diálogos (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1107). Inclusive, os sujeitos do grupo indagavam o que iriam fazer no grupo, quais conteúdos iriam discutir, o que estudar.

Um dos enfoques do grupo, foram os encontros virtuais. Levando em consideração todos os integrantes do grupo e as localidades que se encontravam, os sujeitos demonstraram a necessidade de criar um fórum virtual para que os assuntos pudessem ser discutidos

[...] essa demanda trouxe desafios para a equipe da universidade e gestores, frente ao desafio da tecnologia da informação e comunicação (TIC's). Inicialmente, a partir das demandas dos gestores, construímos um *website* para troca de informações e formação. Com o passar do tempo, percebemos que nossa maior necessidade não estava sendo atendida, assim foi criada a plataforma moodle® com a finalidade de permitir maior comunicação e diálogo entre gestores e pesquisadores (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1107).

A plataforma permitiu que encontros fossem realizados em um diferente “espaço-tempo”, possibilitando o compartilhar de angústias, concepções, demandas e busca por alternativas em relação à Educação Especial (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017).

Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade

O Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI) foi criado em 2006, na Universidade Federal de Goiás (UEG), dentro do Campus de São Luis de Montes Belos. A escrita sobre a constituição do grupo objetivou, além de demonstrar seu percurso, “investigar os limites da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa, a extensão e apresentar as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI” (ALCÂNTARA *et al.* 2017, p. 634).

Em 2017, o GEFOPI contava com participantes de mais de quinze cidades do Estado de Goiás. O grupo era composto por professores, acadêmicos, egressos e demais interessados na temática de formação de professores, eles se reuniam a cada quinze dias e formulavam pequenas reuniões semanais. As autoras (que são licenciandas e integrantes do grupo), apontam sobre os sujeitos que compõe esse grupo

[...] o GEFOPi, tem em média 30 componentes permanentes e 32 flutuantes. Estes são de cursos de Química, de Pedagogia, de Matemática, de Letras, de História, de Pós-Graduação em Docência Universitária, de Pedagogia Empresarial, de Cultura, Educação e Artes, de Mestrado em Educação, em Serviço Social e de Doutorado em Educação, além de egressos e doutores. (ALCÂNTARA *et al.* 2017, p. 640)

Segundo Alcântara *et al.* (2017, p. 638), “alguns componentes do grupo participam somente das reuniões quinzenais. Outros, com base nas discussões do grupo, organizam projetos de pesquisa, desde extensão à iniciação à docência”.

O objetivo do GEFOPi é discutir sobre a formação de professores e a interdisciplinaridade, aprofundando as técnicas de escrita e apresentação científica, se preparando para a pós-graduação e aprendendo sobre publicações e docência superior (ALCÂNTARA, *et al.* 2017). Para isso, as autoras, demonstram a importância das tecnologias, tanto para estudo como para discussões, considerando principalmente a distância em que os membros se encontram, já que fazem parte sujeitos de quinze cidades

[...] as discussões do GEFOPi também acontecem virtualmente. O GEFOPi tem dois grupos no Whatsapp. Um dos grupos chama “GEFOPi” pelo qual agendamos as atividades, conversamos questões cotidianas que envolvem os componentes. O outro grupo é o “GEFOPi em Ação” pelo qual discutimos teoria. Existem temporariamente grupos do GEFOPi que são criados para a organização de evento específico (ALCÂNTARA *et al.*, 2017, p. 638).

Os grupos de Whatsapp facilitam a comunicação, principalmente devido à distância de alguns membros, pois conseguem através desse canal, agendar as reuniões. Outro meio que fazem uso é o Skype, ferramenta para videoconferências. Esse segundo meio facilita a comunicação para encontros à distância. Além dessas tecnologias Alcântara *et al.*, comenta que

[...] os relatórios das atividades, os textos produzidos e os slides das atividades são disponibilizados no slideshare. O GEFOPi tem mais de setenta publicações no slideshare e dez moviemaker no YouTube. As fotos das atividades estão postadas no facebook “GEFOPi Andréa” (ALCÂNTARA *et al.*, 2017, p. 639).

Assim como Almeida, Silva e Alves (2017) relatam a importância de um “espaço-tempo” para as angústias e desabafos, Alcântara *et al.* (2017) demonstra que a utilização das tecnologias permite que os sujeitos superem as dificuldades, participem e organizem eventos científicos e se comuniquem.

Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as)

O Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as) (GEIFoP) teve seu início no ano de 2007. A escrita de Lima e Mariano (2018) objetivou mostrar as principais características do grupo.

Segundo os autores, “O GEIFoP é o sucedâneo do GEAD (Grupo de Estudos sobre Aprendizagem da Docência) cujo funcionamento se deu entre os anos de 2003 e 2007, pautado teoricamente na epistemologia da prática, sob a liderança da Prof^a. Dr^a. Emília Freitas de Lima” (LIMA; MARIANO, 2018, p. 20).

O GEIFoP surge com o aprofundamento dos estudos da Prof^a Dr^a. Emília Freitas de Lima, seu pós-doutorado foi pautado na intermulticulturalidade, surgindo a necessidade de adequar o GEAD a novas bases teóricas, gerando assim o Grupo de Estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as) (LIMA; MARIANO, 2018).

O grupo atua na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), além da coordenadora Prof^a Dr^a. Emília Freitas de Lima, conta com o vice-coordenador Prof. André Luiz Sena Mariano (UNIFAL). Os sujeitos são seis pesquisadores da pós-graduação (mestrado acadêmico e doutorado) com vínculo à UFSCar e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para os autores, o GEIFoP carrega o poder da reflexão sobre a sensibilidade docente, e, dentro do grupo, assumem uma postura que não apenas anunciam possibilidades, mas encontram na realidade bases para elas.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores, atua na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo parte de um Laboratório, o LEPED1 Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores. Ambos foram fundados no ano de 2009, através do financiamento da FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) (CRUZ *et al.*, 2018). A intencionalidade da escrita das autoras, sobre este artigo, tem como base apresentar o trabalho desenvolvido pelo grupo desde sua criação até o momento atual, no caso, o ano de 2018.

Coordenado pela Prof^a Dr^a Giseli Barreto da Cruz, o grupo conta com licenciandos, mestrandos e doutorandos da universidade, que percebem a necessidade de desenvolver suas pesquisas diante de um grupo:

Nessa perspectiva e no decorrer de apenas quase uma década de existência e de pequena parte dela filiada também à Pós-Graduação (desde 2013), o GEPED tem contribuído para a formação de professores, mestrandos e doutorandos e, nesse percurso, se fortalecendo na perspectiva de que o trabalho individual prescinde do coletivo. Isso se expressa na construção de projetos pessoais de pesquisa ancorados no desenho teórico-metodológico do grupo; no aprofundamento de temas que decorrem das investigações em curso; no exercício de expor-se oralmente e por escrito para tirar proveito das discussões e suas intervenções; bem como através da produção coletiva (CRUZ, *et al.*, 2018, p. 32).

Para Cruz *et al.*, as pesquisas elaboradas por pós-graduandos, são escritas coletivas, que respeitando as características e estilo de escrita de cada autor, são formuladas no seio do grupo

[...] com e a partir da colaboração de todos os sujeitos que dele fazem parte: professores universitários, doutorandos, mestrandos, graduandos, professores e gestores da escola básica. Por isso encontros dos grupos são destinados periodicamente ao relato do andamento das pesquisas de mestrandos e doutorandos, além do incentivo para que se compartilhem as produções com colegas que chamamos entre nós de “leitores críticos” (CRUZ, *et al.*, 2018, p. 33).

O grupo, através do compartilhar das pesquisas, consolida a “importância da inserção profissional docente assistida, acompanhada, orientada” (CRUZ, *et al.*, 2018, p. 46) se fazendo presente através de trocas, escuta, narrativas e análises da formação.

De maneira a concluir, os autores demonstram a intencionalidade de exercer os próximos passos do grupo através do trabalho com a pesquisa narrativa, para que haja um entrelaçar de sujeitos e pesquisa, construindo diferentes sentidos sobre a docência, de modo a partilhar os processos de investigação com os pares (CRUZ, *et al.*, 2018, p. 47).

Grupo de Pesquisa Investigação

O grupo, liderado pelas professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso Prof^a. Dr^a. Simone Albuquerque da Rocha e Prof^a. Dr^a. Rosana Maria Martins, foi criado no ano de 2004. O objetivo da escrita do trabalho, para as autoras, é a socialização das ações do Grupo de

Pesquisa, e suas principais articulações com a linha de pesquisa de formação de professores.

Inicialmente, o InvestigAção situava-se na UFMT em Cuiabá, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação no Campus de Rondonópolis, a partir de 2010 o grupo desliga-se de Cuiabá e parte para a nova cidade. A partir de 2016, o grupo conta com a Prof^a Dr^a Rosana Maria Martins na vice-liderança, ao lado da professora Simone.

Os sujeitos que compõe o grupo se dividem entre professores de outras Instituições de Ensino Superior, professores da educação básica, uma Professora estrangeira, da Universidade do Minho, 14 mestrandos e uma funcionária da universidade (ROCHA; MARTINS, 2018).

Segundo as autoras, na atualidade, o grupo toma a frente das pesquisas na linha de formação de professores no PPGEdu/UFMT, com os objetivos de “[...] investigar temas/problemas relacionados a políticas, programas, projetos e práticas na área da formação de professores, em diferentes níveis e modalidades em Mato Grosso” (ROCHA; MARTINS, 2018, p. 86).

Rocha e Martins (2018) explicitam a necessidade da problematização dos temas citados acima e relatam que a produção e publicação de trabalhos é de extrema importância para o grupo

[...] em oito anos do projeto InvestigAção, pode-se avaliar que, em se tratando de um programa de Pós-Graduação do interior de um Estado na região Centro Oeste, e a distância deste para a sede dos eventos, geralmente na região Sudeste do país, além da dificuldade de produção de artigos com os alunos, atingiu-se, nesse período, mais de dez artigos bem qualificados, mais de 20 capítulos de livros, seis organizações de coletâneas com resultados de pesquisas e colaboradores e mais de 100 participações em eventos, resultantes das pesquisas (ROCHA; MARTINS, 2018, p. 98).

Rocha e Martins (2018) demonstram que muito já foi realizado, mas que ainda há um caminho longo a ser percorrido principalmente no que se diz em relação à formação do professor iniciante e experiente, inclusive seus esforços já levaram a Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis a implantar projetos com relação a formação de professoras.

Grupo de Trabalho sobre Formação para Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais

Assim como Rocha e Martins (2018) expressam a necessidade de refletir sobre a formação inicial e a continuada, Santos e Marconi (2019) contribuem com a ideia de um grupo que reflete sobre estes mesmos caminhos, nesse caso, trabalhando a formação em serviço de professores de matemática.

O processo do Grupo de Trabalho ocorre no Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande. Mesmo ocorrendo dentro de uma Instituição de Ensino Superior Privada, o grupo está ligado ao programa de Mestrado e Doutorado em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O objetivo da escrita dos autores foi demonstrar o grupo como espaço de formação para professores que ensinam ou ensinarão matemática.

O intuito, era de construir-se um grupo que produzisse possibilidades para professores que ensinam ou ensinaram matemática nos anos iniciais, o desejo dos autores “era que envolvesse professores da pós-graduação, graduação, dos anos iniciais da educação básica e estudantes de pedagogia” (SANTOS; MARCONI, 2019, p. 217).

Os sujeitos que compõe o grupo são três professores atuantes e cinco acadêmicos. Santos e Marconi (2019) ressaltam que “uma destas acadêmicas se enquadra nos dois perfis, pois é atuante por ter feito magistério e ministra aulas há quase duas décadas, porém também é estudante de pedagogia” (2019, p. 218).

Para registro dos encontros, fazem o uso de gravação de vídeos e áudios e contam com dois cadernos de registros.

Através dos encontros, os autores refletem sobre o grupo como um espaço para discutirem aspectos ligados à prática profissional dos professores, focando na sala de aula, e fazem uma ressalva

[...] não é um espaço formativo, mas um espaço formação, em que cada instante toca de um modo com aspectos vivenciados pelos professores, ou jamais terem imaginado que tal possibilidade pudesse existir. Estes afetamentos problematizam todo o contexto e ação, tecendo direções a partir da prática, com a prática e na prática (SANTOS; MARCONI, 2019, p. 223).

Para Santos e Marconi (2019, p. 224-225), na formação, seja ela inicial ou continuada, a prática pedagógica é comum não ser tomada como referência,

desconectando a formação do que realmente está dentro da sala de aula. Dessa forma, o espaço formação promove uma aproximação entre universidade e a escola, permitindo que futuros professores de pedagogia vivenciem os aspectos da prática profissional e se aproximem de problematizações e pesquisas acerca da formação dos sujeitos.

Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente

O Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente (FOPROFI) foi constituído no ano de 2011, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com a coordenação dos professores Dr. José Rubens Jardimino e Prof^a Dr^a. Célia Maria Fernandes Nunes. O texto de Jardimino e Nunes (2019) tem como objetivo rememorar a trajetória do grupo e demonstrar pesquisas que auxiliaram no campo de pesquisa da formação de professores.

Segundo os autores (coordenador do grupo e duas integrantes doutorandas), no ano de 2012 o FOPROFI contava com quatro pesquisadores(as) universitários(as), seis alunos(as) da graduação/iniciação científica (IC), nove mestrandos(as) e 1 colaborador internacional. Já em 2019, havia um novo cenário no grupo, com maior número de sujeitos e parceria com um grupo colombiano

[...] atualmente, ele congrega pesquisadores, alunos de graduação/iniciação científica e pós-graduação (mestrado e doutorado) da própria instituição e de outras instituições de ensino, profissionais da educação básica, além das redes de pesquisa Capes/OBEDUC; Pensar a Educação Pensar o Brasil/UFMG; *Rudecolombia – Rede universidades publicas colombianas*. O FOPROFI mantém parceria com o grupo *Historia de La Universidad Latinoamericana – HISULA*, com sede na Colômbia, na *Universidad Pedagógica y Tecnológica da Colômbia*. E realizou uma nova parceria com o *Colégio das Américas na Universidade Pablo de Olavide*, Sevilha, Espanha, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e formação em âmbito internacional (JARDILINO; OLIVERI; SAMPAIO, 2020, p. 13).

Jardilino, Oliveri e Sampaio (2020) explicam que ao longo do tempo o FOPROFI foi estreitando laços e parcerias com outras instituições, contribuindo para o fortalecimento da formação de professores, principalmente para a Região dos Inconfidentes, em Minas Gerais.

Jardilino, Oliveri e Sampaio (2020) contribuem com a ideia da extrema importância em promover a formação por meio das redes de pesquisa, articulando

com outras instituições de ensino ou até mesmo, dentro do próprio grupo. Dessa maneira, para os autores

Neste contexto como um grupo de estudos e formação de professores e pesquisadores, o FOPROFI/UFOP tem como premissa a interseção das diversas áreas do campo da formação docente. Desta forma, promove o contato entre estudantes de graduação, docentes da educação básica e ensino superior e destes com outras áreas e temas que vão além do seu objeto de pesquisa ou trabalho, pois estabelece relações com as escolas, as instâncias da gestão e a sociedade (JARDILINO; OLIVERI; SAMPAIO, 2020, p. 22).

A sociabilidade do grupo de pesquisa para além dos muros da universidade promove uma integração entre academia e educação básica, propiciando um impacto social da universidade ao colocar em diálogo os desafios da escola em diferentes níveis.

Os autores complementam com a realidade vivida em 2020, no contexto pandêmico, “[...] sobre as mudanças no contexto educacional com a necessidade de se discutir a educação a distância e o ensino remoto, os quais repercutem na formação e nas condições da profissão docente, nas formas de ensinar e aprender” (JARDILINO; OLIVERI; SAMPAIO, 2020, p. 23).

Frisam a necessidade de discussões de grupos, universidades, escolas de educação básica, sindicatos e outras instâncias da sociedade sobre os impactos dessa realidade na formação de professores, na escola, famílias e na comunidade.

Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos

O Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Docência e Estudos Surdos (GPEDES) situa-se no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – *Campus* Quixadá. O artigo tem como objetivo, demonstrar as condições reais da formação profissional dentro da universidade apresentando e buscando compreender qual o papel do GPEDES diante à formação inicial de professores.

Os autores, uma doutoranda da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e dois professores de Libras que atuam no Instituto Federal, constituem, ao lado de licenciandos em Geografia, o GPEDES. Para registro dos encontros, os sujeitos fazem uso da escrita de relatos reflexivos

O objetivo principal de Silva, Lemos e Oliveira (2020) foi de expressar as contribuições que o Grupo de Estudos e Pesquisas pode proporcionar à

graduandos, com ênfase em uma formação docente multidimensional. Dessa maneira, outras contribuições acerca das características do grupo não foram afloradas.

O trabalho, para os autores, ressalta que

[...] a relevância da pesquisa está na possibilidade de se constituir como ponto de partida para discussões e aprofundamentos sobre a importância da criação e atuação dos grupos de pesquisa para a formação docente inicial nos Institutos Federais de Educação (SILVA; LEMOS; OLIVEIRA, 2020, p. 48912).

A experiência no Grupo de Estudos auxilia os licenciandos a estabelecerem interações, superar dificuldades e estender suas contribuições para além do que se vive no grupo, buscando articulações com o processo de formação pessoal, acadêmico e profissional.

O grupo se configura como uma experiência institucional para a construção de relações de sociabilidade entre os envolvidos, para a constituição de saberes, habilidades e competências pertinentes ante as demandas da formação inicial e posteriormente da prática profissional, sabendo que a graduação em si ainda não satisfaz plenamente, dada as lacunas e limitações organizativas, estruturais, educacionais, curriculares, financeiras, administrativas e didático-pedagógicas entremeadas à relação entre sociedade e universidade (SILVA; LEMOS; OLIVEIRA, 2020, p. 48917).

Dessa maneira, Silva, Lemos e Oliveira (2020, p. 48917) concluem que o GEPEDES vem como uma possibilidade à reflexão sobre a importância de grupos dentro dos Institutos Federais de Educação, evidenciando assim o diálogo entre professores em formação e levando saberes além da academia para dentro das universidades.

Os grupos, acima apresentados, demonstram a pluralidade da educação brasileira e os caminhos que podemos encontrar quando decidimos pesquisar o que há de estudos dentro das universidades. O movimento de analisar e procurar conhecer novos grupos é importante para a diversidade das discussões e o compartilhar de ideias, “o que estes grupos estudam?”. Na intenção de compreender o que os grupos encontrados discutem, realizo um estudo sobre suas linhas de pesquisa, fundamentalmente, sobre o que os grupos falam sobre a formação de professores.

5. LINHAS DE PESQUISA

Paulo Freire (2019), em *Pedagogia da Autonomia*, expressa que

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2019, p. 30-31)

Para grupos, a pesquisa também é um conhecer o não conhecido, um comunicar ou anunciar a novidade, um formar o outro ao se formar.

Como já referido, ao pesquisar sobre as linhas de pesquisa dos grupos, busquei sistematizar no Quadro 2 quais linhas cada grupo aborda, e se o determinado grupo está cadastrado no CNPQ.

A busca pelas linhas de pesquisa permite observar os caminhos que se entrelaçam entre os grupos que foram analisados, dessa forma, buscando compreender o que dizem sobre a formação de professores, principal linha encontrada entre os 13 artigos.

Foi possível observar a linha de pesquisa que se enredava entre os grupos através do estudo com o auxílio da Nuvem de Palavras. A Nuvem de Palavras (Quadro 3) surge como uma estratégia para observarmos quais linhas de pesquisa são predominantes entre os grupos pesquisados. Como já referido, para a construção da Nuvem de palavras, foi realizado o uso do *Wordle*®, um programa online que possibilita a criação de nuvens de palavras com o objetivo de destacar os termos mais utilizados.

Ao realizar o levantamento das linhas de pesquisa dos grupos, podemos observar, de acordo com o Quadro 2 e o Quadro 3, que estes se entrelaçam através da linha de formação de professores. Mesmo enveredando-se para a Matemática ou para a Educação Física, encontramos nos grupos um ponto em comum, a formação de professores.

Quando relacionamos os trabalhos encontrados e percebemos que a formação de professores é um ponto de encontro nos grupos, e suas visões sobre a importância dessa formação crítica-reflexiva, nos deparamos com Freire (2009, p.

74-75) ao afirmar que “os grupos de formação, em que essa prática de mergulhar na prática, para, nela, iluminar o que nela se dá e o processo em que se dá o que se dá, são se bem realizados, a melhor maneira de viver a formação permanente”.

Pensando na formação e nos diversos modos que podemos abordá-la, vamos observar a seguir como os grupos discutem e refletem sobre a formação docente. Encontrando em diferentes falas e olhares, proposições para uma formação reflexiva.

Teixeira, Passos e Arruda (2015, p. 526), observam que a participação em grupos é essencial para a formação de professores, principalmente no que compete em relação às pesquisas pois podem proporcionar “consolidações de linhas de pesquisa, aprofundamento do aprendizado teórico e o aperfeiçoamento dos procedimentos metodológicos [...]”

Finck (2016), em sua escrita, demonstra quanto o grupo pode contribuir seja na formação de professores inicial ou continuada, pois possibilita reflexões, discussões, pesquisas e, principalmente, intervenções que buscam redimensionar a educação no contexto escolar ou no próprio contexto de formação de professores.

Alcântara *et al.* (2017), carregam em suas palavras, assim como Finck, a possibilidade da (trans)formação inicial de professores através do grupo

[...] que fomenta a individualidade dos trabalhos e o coletivo do projeto em que se defendeu a tese que a pesquisa em um grupo de estudos, pautada na *práxis* crítico-emancipadora com atividades de pesquisa, ensino e extensão, possibilita de fato a formação inicial de professores críticos e emancipados, em suas realidades apresentando perspectivas aos limites na formação inicial de professores (ALCÂNTARA *et al.*, 2017, p. 642).

Ainda sobre reflexões e oportunidade de uma formação crítica, Sousa e Tedeschi (2015) contribuem para lembrarmos que os grupos possibilitam que as pesquisas realizadas por professores sobre suas práticas tenham maior visibilidade e, dentro dos grupos, Stano (2015, p. 287) aponta que “refletir sobre ‘como’ e ‘por que’ da ação docente, vivenciando coletivamente, pelos relatos de colegas de profissão, situações e experiências semelhantes, os professores vão construindo certezas provisórias sobre a própria docência”. Professores que vão aprendendo com professores, se (trans)formando e desconstruindo visões até então enraizadas de quem e como somos (SILVA, 2016).

Almeida, Silva e Alves (2017) evocam que, no grupo, os profissionais da educação básica ou do ensino superior tem a possibilidade de construir conhecimentos com o outro, constituindo ações formativas nos processos de aprendizagem.

Lima e Mariano (2018), contribuem com a ideia de que a sensibilidade no grupo não deve ser romantizada, pois não deve ser

[...] aquela discussão que se restringe ao discurso “se não posso ensinar, ao menos posso amar”, ao contrário, é o reconhecimento de que a forma pela qual um conteúdo é ensinado guarda a íntima relação com a forma como os alunos tenderão a lidar com aquele assunto em seu cotidiano (LIMA; MARIANO, 2018, p. 28).

Trabalhar com a criticidade é imprescindível dentro do grupo, de acordo com Freire (2009) a formação implica na reflexão crítica sobre a prática. Compreender que dentro dos grupos deve existir a reflexão sobre a prática é fundamental para alcançar o entendimento sobre como somos sujeitos singulares e únicos, possibilitando relações grupais em que as experiências são acolhidas.

Para Cruz *et al.* (2018), o trabalho individual feito dentro dos grupos prescinde do coletivo, isso contribui para a formação de professores, porque as singularidades de cada autor são respeitadas e construídas no seio do grupo. Levam em consideração o compartilhamento dos trabalhos a serem desenvolvidos e os momentos destinados a ouvir o que os autores têm para dizer, permitindo liberdade e outros olhares para o trabalho.

Rocha e Martins (2018) também indicam esse benefício de compartilhar a formação dentro do grupo, e destacam também como são importantes os diálogos com pesquisadores de maior experiência, pois assim podem “aprender mais com eles” sobre como pesquisar, mas o fundamental é “dar voz aos professores, assim como socializar suas experiências bem ou malsucedidas como forma de ensinar e aprender coletivamente” (ROCHA; MARTINS, 2018, p. 89).

Santos e Marconi (2019) citam que o grupo não é um espaço formativo, mas sim um espaço formação, tecendo a teoria e a prática, o contexto e a ação em que há a promoção entre a aproximação da universidade e da escola, onde os professores possam produzir, planejar, discutir, refletir e, acima de tudo, aprender.

Jardilino, Oliveri e Sampaio (2020), também dialogam sobre a aproximação da escola e da universidade, citam a importância da expansão da universidade para essa aproximação, para que haja integração do âmbito acadêmico com as instituições que o cercam, compreendendo assim a importância da formação por meio desta relação, principalmente se for articulada dentro do próprio grupo de pesquisa. Isso demonstra a importância de sujeitos não apenas da graduação e pós-graduação, mas também de professores das redes e demais colaboradores.

Silva, Lemos e Oliveira (2020), contribuem principalmente na reflexão de formação inicial de professores nos recordando que o grupo se assume como uma

[...] experiência institucional para a construção de relações de sociabilidade entre os envolvidos, para a constituição de saberes, habilidades e competências pertinentes ante as demandas da formação inicial e posteriormente da prática profissional, sabendo que a graduação em si ainda não satisfaz plenamente, dada as lacunas e limitações organizativas, estruturais, educacionais, curriculares, financeiras, administrativas e didático-pedagógicas entremeadas à relação entre sociedade e universidade (SILVA; LEMOS; OLIVEIRA, 2020, p. 48917).

Importante salientar ainda que Silva, Lemos e Oliveira (2020), demonstram a perspectiva da formação no grupo como um ambiente que contempla a articulação e produção colaborativa de conhecimentos, permitindo reflexões, saberes e questionamentos sobre o seu processo formativo acadêmico, profissional e pessoal.

A seguir, à guisa de arrematar as linhas encontradas sobre a formação de professores através dos grupos analisados, será importante retomar o que estudamos e problematizamos. Para isso, o capítulo seguinte, busca a compreensão final do trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que grupos se formam à medida que sujeitos se reúnem acerca de propósitos semelhantes. Nota-se também, para que haja uma dialogicidade dentro do grupo, é necessário que a singularidade dos indivíduos seja respeitada, assim como suas experiências e reflexões.

Ao analisar no contexto universitário, é possível encontrar dentro da educação diferentes “formatos” para os grupos de formação. Grupos de formação continuada, grupos de pesquisa em educação matemática, grupos de estudos focados na formação inicial docente, grupos sobre formação em gestão na educação. Todos buscando a melhor compreensão para uma educação diversa, singular. Dessa forma, é possível concluir que o objetivo geral deste trabalho foi atingido, levando em consideração que, através do levantamento bibliográfico, foi possível encontrar treze diferentes artigos científicos que abordam sobre grupos universitários na área da educação.

Ao formarem os grupos, os sujeitos organizam a maneira como se darão os encontros, o modo de se comunicar, se haverá uma relação através da internet, utilizando as redes sociais, se farão leituras, como registrarão seus encontros, se haverá um momento para compartilhar os trabalhos, sempre buscando o diálogo.

De certo, a graduação, por muitas vezes, não alcança todos os aspectos do fazer pedagógico, não satisfazendo a aprendizagem plena do futuro professor, participar de um grupo de estudos possibilita a interação e o contato com o vivido dentro do cotidiano escolar.

Foi possível notar, que os grupos são de fato espaços férteis para a formação de futuros professores, pois através de discussões, reflexões e o contato com professores atuantes, contribuindo para que o graduando tenha experiências que vão além das salas de aula da universidade. Dentro dos grupos, os futuros professores encontram possibilidades para uma formação crítica e emancipatória, em contato com a realidade escolar, indo além da graduação. Grupos são locais que acolhem, indagam, perguntam, discutem, descobrem, não apenas sobre os fazeres pedagógicos, mas também, sobre o se tornar professor. Descobrimos no outro, quem sou, observando uma face que ainda não havia encontrado em mim.

Através dos artigos analisados, também foi possível considerar a problematização acerca do grupo como um espaço de formação para além da formação inicial, focando na formação de professores como um todo, um movimento contínuo de aprendizagem do ser docente. De certo, os grupos evidenciam a formação como um todo, não apenas a formação inicial ou a formação continuada.

É válido ponderar também, a expectativa pela maior descrição dos processos formativos que os grupos estabelecem em seu interior, ao apresentarem seus trabalhos para a academia, não apenas a apresentação de produtos realizados através dos grupos.

Dessa maneira, é possível notar que os grupos são mais que espaços para produções acadêmicas e estudos detalhados sobre determinados métodos científicos. Os grupos são espaços abertos para reflexões, para unirmos os referenciais vistos durante a graduação à nossa prática (ainda que em formação). Espaços que vão além do ensino e da pesquisa. Os grupos permitem o contato com o chão da escola, permitem o diálogo com sujeitos que trilham experiências e caminhos diferentes, mas com um mesmo propósito, uma educação mais reflexiva e emancipadora.

Como antecipado, finalizo meu trabalho com uma narrativa que, de alguma forma, explicita meu sentimento diante ao trabalho realizado e a minha visão sobre os grupos, como se constituem e a maneira que crescem, um olhar para aquilo que vivi e estudei.

Pensei no grupo como uma árvore.

Quando falamos sobre a constituição do grupo, desde a primeira ideia do coordenador e seus primeiros passos para que esse grupo exista, podemos pensá-la como uma semente.

Essa semente é plantada, dentro de uma universidade, e ali ela começa a germinar, uma muda vai emergindo do solo, ainda com um caule pequeno.

O coordenador se torna o caule, sustenta as folhas que vão chegando aos poucos, os sujeitos do grupo.

Através de leituras (Sol), encontros (regas cuidadosas), a muda vai crescendo e tomando forma.

Algum tempo depois, pessoas que antes não notavam a semente que

acabara de cair em solo fértil, agora já passam e notam a nova árvore que está por ali, habitando o local.

A árvore, agora já frondosa, com muitas folhas, permanecendo em pé, com ventos em novas direções (novas linhas de pesquisa), mesmo com momentos sem água (sem encontros presenciais), onde a água vem à distância, através das chuvas (encontros à distância).

Quando menos esperamos, já está aí a primavera, é o momento de florescer. Suas folhas agora contam também com flores (projetos), e o desabrochar das flores é fundamental. Flores abertas, é o momento da polinização, quando o pólen (pequenas ideias) é levado com o vento e pode chegar em outras flores, compartilhando ideias.

Após as flores, surgem os esperados frutos, ou seja, os conhecimentos gerados através de toda constituição da árvore.

Estes frutos, apesar de uma mesma árvore, mesma espécie, são diferentes entre si. Alguns maiores, outros menores, com mais polpa, menos polpa, porém, igualmente saborosos.

Os frutos gerados na árvore representam o que de melhor pode surgir através desse processo de crescimento.

Eles podem ser colhidos, saboreados, alimentar outras ideias, indo para além da árvore.

Quando o fruto não está muito apetitoso, logo pensamos “nossa, deve ter faltado chuva” ou “essa árvore não deve ser adubada a muito tempo”. Qual seria o caminho para que notássemos o crescimento das árvores, e não apenas aguardássemos seus frutos?

Vale lembrar o quanto as árvores são importantes, não apenas para a geração de frutos, mas também para, a partir deles, novas sementes serem germinadas, outras árvores criadas.

Que todas as árvores possam crescer e que não sejam cortadas, para que existam por décadas e que todos os frutos sejam aproveitados, sem esquecermos de onde eles foram “gerados”.

7. REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A. M. et al. Grupo de estudos em formação de professores e interdisciplinaridade: uma análise de suas contribuições para a formação docente. In: VI Semana de Integração da UEG Câmpus Inhumas, n. 6, 2017, Inhumas. **Anais**. Inhumas: UEG, 2017, p. 634-645. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/9209> . Acesso em: 22 fev. 2021.
- ALMEIDA, M. L.; SILVA, R. R.; ALVES, J. B. O grupo de estudo-reflexão perspectiva teórico-metodológica para formação continuada: um estudo com gestores públicos de educação especial. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 1098–1118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10184>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- CHALUH et al. **Modos de fazer pesquisa narrativa**: aproximando vida e cultura. Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2020.
- CHALUH, L. N. **Formação e alteridade**: pesquisa *na* e *com* a escola. 2008. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- CHALUH, L. N. Sentidos da escrita e do empoderamento na formação inicial de professores. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 6., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. p. 1-9.
- CRUZ, G. B.; BATALHA, C. S.; OLIVEIRA, F. L.; CAMPELO, T. DA S. Percursos de um grupo de pesquisa na área de formação docente: o GEPED diante do desafio de formar professores e pesquisadores. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 10, n. 18, p. 31-52, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/186> Acesso em 21 fev. 2021.
- FINCK, S. C. M. Grupo de estudos e pesquisas em educação física escolar e formação de professores - gepefe: espaço de interlocuções com a educação básica e as contribuições no âmbito da pesquisa e da formação docente em educação física. In: **Reunião Científica Regional da ANPED**: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, nº 11, Curitiba - PR. Trabalhos Completos, p. 1 - 17. jul. 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_SILVIA-CHRISTINA-MADRID-FINCK.pdf . Acesso em 21 fev 2021.
- FREIRE, M. **O que é um grupo?**. 2005. Disponível em: <https://www.famema.br/famema/ensino/pdd/docs/oqueumgrupo.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 62. ed. São Paulo. Paz e Terra. 2019.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 22. ed. São Paulo. Olho d'água. 2009.
- GASPAR, M. M. G. S.; ARAÚJO, M. F.; PASSEGI, M. C. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico in: **ANAIS do VI SIGET – Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Ago 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/42807501-Memorial-genero-textual-auto-biografico.html>. Acesso em: 07 out. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Reimpressão, São Paulo: Editora Atlas, 2002.

JARDILINO, J. R. L. et al. Formação de professores e profissão docente: o estado do conhecimento da pesquisa em formação na região dos inconfidentes - MG. **Colloquium Humanarum**, n. 17, 10–26. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3641>. Acesso em 22 fev. 2021.

LIMA, E. F.; MARIANO, A. L. S. Grupo de estudos em Intermulticulturalidade e Formação de Professores(as) – GEIFOP. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 10, n. 18, p. 19-30, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/195> Acesso em 21 fev. 2021.

OLIVEIRA, V. F. et al. O dispositivo grupal no espaço da universidade: Significações imaginárias e aprendizagens. In: XV – ENDIPE: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010. p. 1-34.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago, 2011.

PIVETTA, H. M. F.; ISAIA, S. M. A. Grupo reflexivo de professores da educação superior: Estudo sobre seus movimentos construtivos. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, v. 27, n. 1, p. 111 – 132, 2014.

RIOLFI, Claudia. O amor à diferença no trabalho enlaçado no interior de grupos. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 39, p. 37-45, jan/jun. 2002.

ROCHA, S. A.; MARTINS, R. M. O Grupo Investigação/PPGEdu/UFTM e sua trajetória de pesquisa em Mato Grosso. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 10, n. 19, p. 85-100, 31 dez. 2018.

SANTOS, E. S.; MARCONI, R. M. A. Grupo de trabalho como possibilidade de formação inicial e continuada de professores. In: Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática, 13., 2019, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: s.e, 2019, n 1, p. 215-226. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/8328>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SILVA, D. C.; LEMOS, C. S.; OLIVEIRA, A. S. O GEPEDES na formação docente: tecendo perspectivas, saberes e reflexões. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.7, p. 48910-48918, jul. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13582>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SILVA, M. A. Investigações envolvendo livros didáticos de matemática do ensino médio: a trajetória de um grupo de pesquisa. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**. v.9, n.3, p. 36-54, 2016. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/jieem/article/view/3680>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUZA, M. C.; TEDESCHI, W. A constituição de um grupo de pesquisa no contexto do obeduc-ufscar: contribuições para a formação docente. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores**, Fortaleza, v. 2, p. 136-147, 2015. Disponível em:

<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/A%20CONSTITUI%C3%87%C3%83O%20DE%20UM%20GRUPO%20DE%20PESQUISA%20NO%20CONTEXTO%20DO%20OBEDUC-UFSCAR%20CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES%20P> Acesso em: 21 fev. 2021.

STANO, R. C. M. T. O caminho de um grupo de formação continuada docente: do compartilhamento de práticas docentes para uma pedagogia da e para a autonomia. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 31, n. 57, p. 275-290, ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/40724/26351>. Acesso em: 21 fev. 2021.

TEIXEIRA, L. A., PASSOS, M. M. ARRUDA, S. M. A formação de pesquisadores em um grupo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática. **Ciência & Educação** (Bauru) [online]. 2015, v. 21, n. 2, p. 525-541. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-731320150020016>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

VILELA, R. B., RIBEIRO, A., BATISTA, N. A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. **Millenium**. 2020, 2(11), 29-36. DOI: 10.29352/mill0211.03.00230. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/6637/1/3-art-NUVEM%20DE%20PALAVRAS-Rosana%20Vilela-educa%c3%a7%c3%a3o-PT.pdf> Acesso em 07 out. 2021.